

OS DOTES FUNDAMENTAIS DO JORNALISTA

Discurso do Santo Padre João XXIII aos participantes da II Assembléia Nacional da "União Católica de Imprensa Italiana" -- 4.12.60 (1)

Recebemo-vos com especial manifestação de carinho, queridos filhos, Jornalistas Católicos. Vosso nome é lindo, nobre e empenhador.

A presente reunião vem reavivar em Nosso espírito a lembrança de outros encontros, reservados aos representantes da imprensa; e Nos permite demonstrar novamente a estima que guardamos para com aqueles que se dedicam honestamente à difícil e grave profissão do jornalismo, com uma preferência muito natural e compreensível para convosco, que exerceis esta profissão à luz do Evangelho de Jesus Cristo e do ensino vivo e perene da Igreja.

Saudamos com paternal estímulo esta vossa segunda Assembléia Nacional; e gostamos de aproveitar o ensejo para voltar sobre um argumento que muito Nos interessa.

Infelizmente as já lamentadas falhas e perigos, no setor da imprensa, perduram ainda em sua gravidade. E é tão grande Nossa preocupação, que julgamo-Nos hoje dispensados de qualquer outro preâmbulo, e da repetição de quadros estatísticos impressionantes, aliás por vós conhecidos, para passarmos à exposição de quanto sentimos ser mais necessário e urgente, não somente para vós, que honrais vosso título de católicos, mas para quantos convosco operam em nome da retidão e da verdade e defendem os ideais que são comuns aos homens de boa vontade.

Vão seria cair em queixas e recriminações. Devemos construir, queridos filhos, devemos ir para frente, lançando as bases de uma nova era, mais sã, mais justa, mais generosa, na aspiração ardente de um êxito que não pode tardar. Devemos semear, mesmo que uma tristeza profunda oprima às vezes nosso coração, certos da promessa de uma colheita feliz: *Qui seminant in lacrimis in exultatione metent*: Os que semeiam entre lágrimas ceifarão com júbilo (Ps 125.. 4).

Vamos portanto a considerações positivas, que confiamos à vossa espe-

1) "Osserv. Romano, supl. sem., 12/12/60.

riência; competência e bom gosto. São elas: a preparação; a cooperação e coordenação fraternal; a sensibilidade cristã dos jornalistas católicos.

1 — PREPARAÇÃO PROFISSIONAL

Vossa preparação profissional, queridos filhos, faz lembrar-vos a amplitude e a importância da missão que escolhestes. Para nenhuma tarefa pode-se improvisar, bem o sabeis: e se a cada profissão de responsabilidade social precedem longos e duros anos de preparação específica, teórica e prática, isso vale também para os jornalistas militantes. Um jornalista não se improvisa. Para conseguir aquêle conjunto de dotes que tornam fácil e profícuo seu serviço, é necessário um tirocínio. É-lhe necessária a delicadeza do médico, a versatilidade do literato, a sagacidade do jurista, o sentido de responsabilidade do educador.

Essa amplitude de interesses e de horizonte requer portanto séria preparação. Não será suficiente, pois, saber somente informar e ser informados. É necessário conhecer o modo e as técnicas da informação; e, ao mesmo tempo, não desperdiçar o tempo em audições e leituras inúteis, para que se apure a sensibilidade e se possua a arte de saber escolher, separar e revestir as notícias.

Uma preparação tal exige grandes possibilidades materiais: torna-se, pois, obrigatória a retribuição econômica. É necessário que os colaboradores de cada jornal recebam a justa recompensa, apesar da pobreza de meios financeiros de que padece a imprensa católica, privada dos benefícios de financiamentos excepcionais de que gozam com uma certa facilidade a imprensa de partido ou a assim chamada independente. A invocação e a ordem de Nosso imortal Predecessor Leão XIII é ainda válida: "Todos os que desejam realmente e de coração, que as coisas quer sagradas quer civis sejam eficazmente defendidas por escritores valorosos e floresçam, procurem com a própria liberalidade favorecer nêles os frutos das letras e da inteligência; e, quanto mais alguém fôr rico, com suas faculdades e com suas posses os apoie" (Enc. *Etsi Nos*, 15 de fev. de 1882, *Acta Leonis*, III, 12).

Deve-se, pois, dar, e sustentar a boa causa. E mesmo quando se conseguir, sobre este ponto, a condição ideal e mais satisfatória, será sempre necessário se precaver do profissionalismo puro; êle que, de fato, vê as coisas unicamente de um ponto de vista econômico, técnico e de perfeição no trabalho, ainda que honesto, nunca conseguirá sua finalidade, se não fôr alimentado e superado pelo espírito de oração e de caridade, por um impulso de apostolado. Isso é que adorna e torna meritorias perante Deus as ações de cada um, especialmente as que formam o conjunto cotidiano de vossas atividades.

Vêde, pois, que a primeira coisa que desejamos é o vosso preparo: considerado em sua plena luz na qual harmoniosamente se fundem os dotes naturais, os requisitos técnicos e a vocação espiritual para fazer o bem, para agradar a Deus, conforme ensina o Apóstolo: "para que andeis de maneira digna de Deus; agradando-lhe em tudo, produzindo frutos de tôdas as boas obras, e crescendo na ciência de Deus" (Col 1, 10).

2 — COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO FRATERNAL

A segunda consideração quer salientar o grande e imprescindível dever da caridade. Ao se encerrar o dia memorável de 28 de outubro de 1958, entre os comentários da imprensa sobre a eleição do novo Papa, fostes vós os primeiros a dar relêvo, e ainda o fazeis, ao "*diligite alterutrum*", que brotou de Nossos lábios no ato de aceitar o peso que nos era imposto pela vontade de Deus: relêvo, repetimos, sobre aquêlê "*amái-vos uns aos outros*" que guardamos no coração como um empenho sagrado; antes e acima de qualquer outro projeto de louváveis empreendimentos e de providências ponderadas.

A caridade! *Praeceptum Domini est, praeceptum Domini*, prosseguia o Apóstolo do amor, João Evangelista.

Esta caridade vos convida suavemente para que permaneçais unidos, na fé e na ação, nas convicções e nos ideais, nas fadigas e no empenho militante.

Permanecei unidos, ajudai os católicos fiéis e convictos e permanecerem unidos entre si, a terem confiança na doutrina social da Igreja, purificada através de experiências pluriseculares, a terem dela conhecimento profundo. Ajudai-os a se deixarem compenetrar pelo método cristão de pensar, de julgar, de decidir acima das tentações da singularidade, do ressentimento e do desinterêsse; a não se deixarem enganar pelas aparências de uma liberdade mal entendida, que se torna intolerância a qualquer admoestação e a qualquer disciplina.

Vós Nos compreendeis bem. O respeito que devemos a quem não alcançou uma perfeita maturidade cristã e católica, e está às portas do templo, não autoriza a perigosas concessões, a compromissos, a renúncias, que são nocivos ao patrimônio sagrado da verdade e da justiça, que é o Evangelho.

O perigo maior a que fica exposta uma parte de Nossos filhos é precisamente êste: de intolerância, repetimos, para uma disciplina comum, que se torna, porém, tolerância e indiferença diante dos erros e das posições perigosas nos vários campos da vida pública, na política como nas diversões, na literatura como na prática religiosa.

Saibais também alertar contra aquêlê espirito mundano de que são instrumento correntes particulares de pensamento e de costume moderno, que com todos os meios procuram subtrair a sociedade à influência do Evangelho de Cristo, ao ensino da Igreja, aos valores eternos de verdade divina, de amor, de pureza e de apostolado, de que é florescente a civilização cristã. Êstes movimentos erigem-se como defensores de uma liberdade não precisada, mas estão prontos a negá-la à Igreja, quando ela deve defender seu tesouro de verdade revelada ou o patrimônio de sanidade moral a ela confiado; proclamam separação e independência da Igreja do poder civil, mas continuamente ficam agindo para limitar toda ação da mesma, e jogar sobre ela toda sombra de suspeita e de aversão. Seu modo de agir pode ser comparado àquilo que com muita finura escreve Manzoni, falando do *iniquo que é forte*, "o qual pode insuflar e se dizer ofendido, escarnecer e pedir razões, aterrorizar e queixar-se, ser descarado mas não reprehensível" (I Promessi Sposi, cap. VII).

Diante de tais atitudes, mais do que nunca é necessária a união: para defender, e ajudar a defender a verdade, a justiça, a honestidade, antes ainda do que a religião e o Evangelho. Sim, é grande, queridos filhos, vossa missão também sob este aspecto, e digna de todo estímulo e consólo. Sede, pois, unidos: é o Papa que vô-lo pede, em nome daquele que pregou para a união de todos os seus fiéis: *Ut omnes unum sint*, ainda e sobretudo pelo escopo que vos descrevemos: "Que todos sejam um só, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles sejam um só em nós" (Jo 17, 21).

3 — SENSIBILIDADE CRISTÃ

Finalmente vos é necessária uma profunda *sensibilidade cristã*, que permeie todos os vossos atos e espalhe com graça e distinção aquêle *bom perfume de Cristo* (cfr. 2 Cor 2, 15) que dá a tôdas as coisas seu justo sentido. Sensibilidade cristã em tudo e com todos, para que a todos chegue o testemunho da sinceridade unida ao respeito, da clareza de idéias aliada à madureza de pensamento e de expressão.

Aproveitamos o ensejo dêste encontro familiar para vos confidenciar que às vêzes, no exame de periódicos e jornais, encontramos sentidos um fraseado hermético, empolado, desconforme, ou acre, agressivo, inutilmente polêmico. Isso é índice de um costume que penetrou em tudo, às vêzes até nos anúncios publicitários, nas crônicas de acontecimentos desportivos e de manifestações folclóricas locais.

Pois bem, o jornalista católico deve evitar êste hábito de pensar e de escrever, no qual fica corrompido o sentido genuíno da cortesia, da educação, do método cristão que quer convencer com autoridade persuasiva e atrair com argumentos e não com sugestões.

A sensibilidade de que falamos revela-se na apresentação ou não de uma certa crônica, dos detalhes de um acontecimento escabroso e perturbador: e nisso ela segue os ditames da reta consciência, e não finalidades mais ou menos confessáveis.

Ela se manifesta ainda em não ser indulgente nos elogios, especialmente para pessoas ainda viventes, em não atribuir todos os merecimentos somente a uma parte, a uma organização, mas sabendo colher aquilo que edifica onde fôr apresentado, para estimular e estabelecer contatos fecundos. Ela ensina também a retomar a história de quem nos precedeu, a não esquecer os ensinamentos do passado, a valorizar todos os bens testemunhos do espírito humano, no decurso da vida dos povos.

Sensibilidade cristã! Como entendestes, ela procura e põe em relevo aquelas expressões universais do verdadeiro, do bom e do belo, que encontram voz e côr na natureza, na música, nos monumentos da literatura e da arte. Queridos filhos, repetimo-lo com as palavras que dirigimos com estímulo paternal a vossos colegas de "L'Avvenire d'Italia", a 18 de outubro do ano passado: "Educai os leitores a apreciarem aquilo que é verdadeiro, bom e belo;

sabei, portanto, haurir a matéria de vossos serviços das fontes inexauríveis da verdade, da beleza e da bondade, que jorram da ilustração das várias épocas da história, do mundo da arte e da poesia, das conquistas da ciência, da maravilhosa vida do universo, das viagens dos exploradores e missionários" (Discursos, Mensagens, Colóquios", vol. I, p. 486).

Que fonte inexaurível de inspiração para o jornalista, e de prazer para seus leitores, emana de um tal patrimônio comum a toda a humanidade, muitas vezes descurado para dar lugar aos ourupei do efêmero e às bisbilhotices do transitório! Sem, aliás, ostentar erudição, como convem ao jornal que cai na mão de todos como fonte de informação e de consólo sereno, é possível trazer inspiração contínua e nutriente de tão vasto panorama de realidades vivas, interessantes, agradáveis.

Queridos filhos.

Não desaniméis nas dificuldades cotidianas em que se desenvolve vosso trabalho, mais sabci animá-lo com a generosidade e o entusiasmo que nasce de vossas convicções mais profundas. Nós estamos perto de vós: com atenção paternal, com interêsse vivo em vossos problemas, com o auxílio que Nos é possível dar, e sobretudo com a oração. Deus vos conceda manter sempre fé em vossos propósitos, dilate vossa atividade para uma eficácia sempre mais fecunda e ampare vossa União em seus empreendimentos, chamando ao seu redor aquelas energias tão boas e valorosas que, unidas, muito bem podem fazer pelo conhecimento e pela estima dos talentos próprios de cada jornalista, empregados no serviço comum.

São estes Nossos votos mais ardorosos, as aspirações de Nosso coração. É como penhor do afeto paternal que nutrimos para cada um de vós, rejubilamo-Nos em vos acompanhar com Nossa particular e confortadora Bênção Apóstólica, que estendemos a toda a União e a quantos de mais perto vos são mais queridos nos vínculos da família, da profissão e da amizade.

CARTA DO SECRETARIADO NACIONAL DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS POR OCASIÃO DA SEMANA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS

Promovida pela Secção Estadual de Pôrto Alegre, os Religiosos do Rio Grande do Sul celebraram, de 9 a 16 de outubro de 1960, uma Semana das Vocações Religiosas. Em outro lugar do presente número desta Revista publicamos o Relatório enviado pelo encarregado da Semana. Aqui publicamos uma carta enviada pelo Secretariado Nacional das Vocações Sacerdotais, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aprovando e estimulando a celebração da Semana em todo o Brasil.

O "SECRETARIADO NACIONAL DE VOCAÇÕES SACERDOTAIS" recebeu com indisfarçável contentamento, a notícia da próxima realização da SEMANA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS, com a aprovação do

Episcopado e sob os auspícios da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, marcada para os dias 9 a 16 de outubro do corrente, no Rio Grande do Sul.

O referido movimento vocacional deverá efetuar-se em tôdas as Casas religiosas, masculinas e femininas, do Rio Grande do Sul, com a finalidade expressa de tornar mais conhecida, amada e devidamente apreciada ou almejada a vocação para a vida religiosa.

Aberta solenemente em Pôrto Alegre, com a Santa Missa, a Semana das Vocações Religiosas deixará, sem dúvida, uma profunda ressonância no coração de tantos e tantos jovens brasileiros, ansiosos por fazer algo de grande, de belo e de bom, pela causa de Nosso Senhor, mas ainda indecisos, porque à espera de uma caridosa "mão-guia" que os oriente e impulsione definitivamente para o excelso IDEAL.

Aliás, se é bem verdade que Deus é quem chama para o Altar ou para a vida de perfeição evangélica, através dos impulsos do seu Divino Espírito, não é menos verdade que a escôlha dos vocacionados Ele a deixa nas mãos da Igreja, nas mãos dos Pastôres, nas mãos dos Reitores de Seminários ou Superiores religiosos, nas mãos de todos os responsáveis pelo Apostolado vocacional.

E então, vem-nos impetuosamente à lembrança a idéia de propor, respectivamente, a todos os Superiores e Superiores religiosas do Brasil que reservem um Sacerdote, um Irmão leigo ou uma Religiosa para a tarefa específica de estudar as vocações e proceder ao recrutamento e amanho dos vocacionados da sua respectiva Ordem ou Congregação.

Esta sugestão não deixará de acarretar dificuldades, objeções e — quem sabe — até mesmo imprudências. Todavia, se os Encarregados e Responsáveis pelas vocações tiverem uma sólida formação religiosa, aliada a um equilibrado, profundo e bem-acentuado senso de Catolicismo, todos os perigos e obstáculos desaparecerão como por encanto.

Em algumas localidades do Brasil esta sugestão já foi posta em prática. E o simples fato de haver uma pessoa destinada exclusivamente às Vocações religiosas foi suficiente para dar origem a pequenos e grandes Organismos ou Secretariados vocacionais religiosos, de indiscutíveis vantagens e proveito para as Vocações, dentro dos diversos Estados de Perfeição.

Que esta desprerenciosa palavra do Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais, ditada unicamente pelo desejo de servir à GRANDE CAUSA, seja o real contributo, a entusiástica adesão e a respeitosa homenagem de todos os seus componentes, à SEMANA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS do Rio Grande do Sul, para o Brasil.

São Paulo, 5 de outubro de 1960.

ass. Dom Vicente M. Zioni

Diretor do Secr. Nac. de Vocações Sacerdotais

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS ESCLARECENDO PROBLEMAS RELACIONADOS COM O RECRUTAMENTO DE VOCAÇÕES ENTRE GENTE DE CÔR

Pe. Tiago G. Glahn CSSR

Os Papas dos últimos decênios, Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, trataram repetidas vezes, dirigindo-se às regiões da Ásia e da África, o problema do recrutamento de vocações sacerdotais e religiosas entre o elemento de côr, tomando decididamente posição em favor desse recrutamento.

Embora o problema no Brasil não seja idêntico ao da Ásia e da África, de forma que nem tôdas as conclusões práticas, sugeridas a êstes países, possam ser aplicadas, sem mais, à nossa Pátria, contudo apresentam os documentos pontifícios uma série de princípios, tanto naturais como sobrenaturais, que por causa de seu valor universal hão de reger a "política" do recrutamento de quantos são responsáveis pelo aumento das vocações sacerdotais e religiosas, não exceptuando o Brasil.

Os documentos pontifícios encaram o nosso problema sob dois aspectos, intimamente relacionados entre si; os direitos fundamentais da pessoa humana e a catolicidade da Igreja.

I — O DIREITO A LIVRE ESCOLHA DA VOCAÇÃO SACERDOTAL E RELIGIOSA É O DIREITO FUNDAMENTAL DA PESSOA HUMANA.

Pio XII, descrevendo na sua Mensagem Natalícia de 1942 os primeiros passos a serem dados para um mundo melhor, dizia:

"Quem deseja que a estrêla da paz desponte e se estabeleça sôbre a sociedade, concorra pela sua parte em restituir à pessoa humana a dignidade que Deus lhe concedeu desde o princípio... defenda o respeito e atuação prática dos seguintes direitos fundamentais da pessoa: o direito à escolha de estado, mesmo sacerdotal e religioso" (§ 31).

Donde podemos concluir: não respeitar êste direito seria impedir a paz civil e eclesial; mais ainda, seria negar um direito fundamental da pessoa humana, que a elevação sobrenatural e a integração no Mistério da Igreja confirma em vez de negar.

Que tal tenha sido o pensamento de Pio XII, nós o vemos claramente na sua primeira Encíclica de 1939:

“Todos aquêles que passam a fazer parte da Igreja, qualquer que seja a sua origem ou língua, devem saber que têm igual direito de filhos na casa do Senhor, onde impêra a lei e a paz de Cristo. De acôrdo com estas normas de igualdade, a Igreja consagra as suas solícitudes à formação de um numeroso clero indígena e ao aumento gradual do Episcopado indígena... O espírito, o ensino e a obra da Igreja nunca poderão ser diversos daquilo que pregava o Apóstolo das gentes: “Não existe mais nem grego, nem judeu, nem bárbaro nem cita, nem escravo nem livre, mas Cristo que é tudo em todos (Col 3, 10-11) — (§ 20).

Encarnando o seu pensamento, Pio XII consagrou em 1939, com suas próprias mãos, 12 Bispos, oriundos de várias raças, inclusive da negra. O sentido das palavras e ações de Pio XII é claro: uma Congregação que negasse o acesso do sacerdócio a um preto ou mulato, por motivo de raça ou côr, não faria obra da Igreja e não teria o espírito dela. Aliás, Pio XI já tinha respondido a algumas objeções oriundas de um preconceito de superioridade racial:

“É engano considerar os indígenas como seres inferiores, de escassa capacidade, pois, segundo experiência de muitos anos, os nativos de terras muito afastadas, no Oriente e no Sul, em nada nos têm a invejar os dotes de espírito e por vêzes competem conosco em engenho e bom entendimento... Ante os olhos temos a confirmação do fato em tantos indígenas que cursam todo o gênero de ciências nos diversos Colégios e Seminários de Roma; e podemos assegurar-vos que não são inferiores a seus condiscípulos em talento e aproveitamento, mas muitas vêzes se lhes avantajam” (Encíclica “Rerum Ecclesiae” sôbre as Missões, § 18).

Noutras palavras, a Santa Sé recusa terminantemente o conceito de uma raça que como tal seja inferior, no tocante às exigências da vocação sacerdotal ou religiosa.

II — A CATOLICIDADE DA IGREJA.

A aptidão de tôdas as raças abraçarem a vocação sacerdotal e religiosa emana lógicamente da vontade de constituir uma Igreja universal, sentido da palavra grega: “Katholiké”. Deus quis uma Igreja universal, logo deu a tôdas as raças os meios necessários, sacerdócio e vida religiosa, para participarem de mais perto na construção dela. “Coeteris paribus”, é um padre preto mais indicado para evangelizar o meio preto, afirmação esta que se deduz diretamente das palavras de Bento XV:

“O padre indígena que tudo — nascimento, mentalidade, ideal — prenda às suas ovelhas, está maravilhosamente armado para aclinar a verdade nas almas; muito melhor do que qualquer outro êle sabe escolher os meios de forçar as portas dos corações. E’ assim que êle tem fâcilmente acesso junto a muitas almas cujo ádito o padre estrangeiro vê interdizer-se” (Maximum Illud, § 14).

Quanto ao conhecimento da língua, a vantagem que o nativo leva sôbre o estrangeiro, salta aos olhos, conforme observa Pio XI:

“Não sucede às vêzes que os Missionários estrangeiros, por insuficiente domínio da língua do país, não podendo expressar bem suas próprias idéias, des-

virtuam não pouco a eficácia de sua pregação" (Rerum Ecclesiae, § 15).

A constituição de um clero indígena, suficientemente numeroso, é, conforme as palavras de Bento XV, a meta final da implantação da Igreja pelo trabalho propriamente missionário; pois, é apenas ele que garantirá a continuidade do catolicismo em um país, p. e. em tempo de perseguição, quando os sacerdotes estrangeiros forem expulsos:

"A Igreja de Deus é católica: em parte alguma, em nenhum povo ou nação (poderíamos acrescentar: em raça alguma) ela se coloca como estrangeira; do mesmo modo convém que todos os povos possam fornecer ministros sagrados para fazerem conhecer a lei divina aos seus compatriotas e guiá-los pelo caminho da salvação. Onde quer que, na medida necessária, funcione um clero indígena, devidamente formado e digno de sua vocação, dever-se-á dizer que o Missionário coroou felizmente a sua obra e que a sua Igreja está doravante bem constituída. O vento da perseguição poderá levantar-se um dia para derrubá-la, mas há segurança de que, assente na rocha e fixada pelas raízes, ela desafiará a violência dos seus assaltantes" (Ibidem, § 15).

Se tal perseguição desabasse sobre o Brasil, "quod Deus avertat", e fôsem expulsos os padres estrangeiros, que constituem a metade do clero e uma proporção maior ainda dos religiosos, far-se-ia sentir muito mais a quase total inexistência de vocações entre gente de côr.

Um último texto de Pio XI, o mais preciso de todos até agora citados, nos convencerá que a vocação de gente de côr não só não deve ser impedida, mas ainda positivamente favorecida, buscada e desejada:

"Deveis encarar como obrigação vossa mui precípua a fundação de casas religiosas para homens e mulheres indígenas; pois, qual o inconveniente que pode haver de fazerem profissão de observar os conselhos evangélicos os neófitos, aos quais a virtude de Espírito Santo chama ao estado de perfeição? Nisto devem ter cuidado os Missionários e as Religiosas que trabalham em vossos distritos, que o amor do próprio Instituto, aliás santo e louvável, não ultrapasse os justos limites, reduzindo-os a tacanhez de vistas. Se, portanto, dentre os indígenas, alguns houver que solicitem a sua admissão nas antigas Congregações religiosas, de maneira alguma se deve desaconselhá-los nem impedir-lhes a consecução de seus anseios; isto se forem reconhecidos idôneos para apropriar-se sua índole" (Rerum Ecclesiae, § 19).

E Pio XI, ao franquear as portas das Congregações de brancos às vocações de gente de côr, acrescenta:

"Mas deveis considerar com ponderação, talvez seja de maior proveito para êstes casos fundarem-se novas Congregações, amoldadas às necessidades e propensões dos nativos e às circunstâncias peculiares de cada país" (Ibidem).

Parece-nos que o Papa tem, com esta observação, em vista as regiões onde existem comunidades homogêneas de indígenas. Não se dando êste caso no Brasil, não se poderá aplicar, sem mais, esta sugestão do Papa ao nosso país.

O atual Papa, João XXIII, expressou clara, embora implicitamente, seu pensamento a respeito do nosso problema, substituindo na sua Encíclica sobre as Missões "Princeps Pastorum" de 28 de novembro de 1959, a expressão "clero

indígena" pela mais branda "clero local", e manifestou inequivocamente sua repulsão para com qualquer discriminação racial, conferindo o chapeu cardinalício a um Bispo preto, Sua Eminência o Cardeal Rugambwa. O novo Purpurado foi batizado só aos quase nove anos, quando a Mãe estava ainda pagã e o pai tinha sido batizado alguns meses antes.

A promoção ao cardinalato de Mgr. Rugambwa encheu de alegria os corações dos pretos do Brasil. Eles não hesitaram em apresentar, através da Nunciatura Apostólica, seus agradecimentos ao Santo Padre. Para nós significa esta promoção o encorajamento oficial dos nossos esforços para descobrir vocações no meio preto e um convite a intensificá-los. O Santo Padre quis também arrancar os Africanos à margem de igualdade racial atéia, preconizada pelos comunistas, e nós devemos não menos, pelo cultivo das vocações em meio preto, impedir que progrida entre êles a sedução comunista.

Concluimos com duas observações. Por um lado, é por ocasião da questão da vocação de gente de cor que se precisou nos documentos do Magistério eclesiástico a doutrina, hoje pacificamente aceita (cfr. Constituição Apostólica "Sedes Sapientiae" de 1956) duma vocação divina, distinta da vocação eclesiástica, anterior a ela e pressuposta por ela. Afinal, os documentos pontifícios, acima referidos, significam que a Igreja não se reconhece o direito de não ratificar um chamamento divino. E, como sublinhou Pio XII (Encíclica sobre o Corpo Místico, § 37), Cristo, agindo através dos pastores e superiores visíveis, é a única Cabeça que governa a Igreja.

Por outro lado, o perfeito triunfo, dentro da Igreja, do direito de livre escolha do estado sacerdotal e religioso, aberto a todos sem distinção de cor, seria o último fruto duma vitória antirracista que deu nascimento à Igreja: a vitória da Cruz. Pois, São Paulo ensina na Epístola aos Efésios que Cristo com o sangue fez um povo único de judeus e gentios, destruindo na sua carne a parede interposta que separava os dois povos... para dos dois formar em si mesmo um só homem novo, isto é a Igreja (Ef 2, 14-16, citado por Pio XII, *Myst. Corporis*, § 32). Mais insistentemente ainda, Pio XII, no fim da mesma Encíclica (§ 96) escreveu: "O Salvador derramou o seu Sangue na Cruz para conciliar com Deus a todos os homens de tôdas as nações e estirpes, e para os unir num só Corpo". Se Pio XI e Pio XII insistiram tão fortemente na vocação de gente de cor e nos direitos dela dentro da Igreja, era porque êles percebiam que estavam em jogo os fundamentos, a constituição, a origem divina e natureza íntima da Igreja, "sociedade de gloriosíssima caridade" e não menos plena irradiação da vitória da Cruz.

N.B. As citações dos textos pontifícios são todas tiradas da edição "Documentos Pontifícios", publicada pela Editora Vozes.

Bento XV, D.P. 46: *Maximum Illud*, 1919, sobre "A propagação da Fé".

Pio XI, D.P. 50: *Rerum Ecclesiae*, 1926 "As Missões Católicas".

Pio XII, D.P. 67: 1942, sobre "A Paz na Vida Social".

Pio XII, D.P. 23: *Summi Pontificatus*, 1939, sobre "As necessidades da hora presente".

Pio XII, D.P. 24: *Mystici Corporis*, 1943, sobre "O Corpo Místico de Jesus Cristo".

AS VIRTUDES NATURAIS COMO ESTRUTURA DA PERSONALIDADE CRISTÃ

Pe. Nazareno Camilleri S.D.B.
Pontifício Ateneu Salesiano — Turim

I — INTRODUÇÃO

1) TÉCNICA E DIGNIDADE MORAL

Quatro discursos fundamentais do Sumo Pontífice Pio XII de f.r. parece-me que, entre outros, devem aqui ser lembrados e oferecidos para uma meditação comparativa. O primeiro é a radiomensagem natalícia de 1953(1), sobre e contra o assim chamado "espírito da técnica"; a este fica afim um outro discurso dirigido em 1956 aos participantes da Conferência Internacional sobre Relações Humanas na Indústria(2); o terceiro é o discurso dirigido em 1951 aos Docentes do Estudo Internacional dos Carmelitas em Roma(3), e o quarto é aquele dirigido aos párocos e quaresimalistas em 1955(4).

No primeiro o Papa denuncia "o perigo de um conceito técnico da vida", porque isso necessariamente "se repercute seja no modo de viver dos homens modernos, seja em suas relações recíprocas", e constitui — diz o Papa — "uma forma de materialismo que esvazia de seu conteúdo" a própria vida, e a esvazia de seus valores não somente cristãos, mas até humanos. A solução positiva pelo contrário, é desenvolvida pelo Papa, mais tarde, no dito discurso de 1956 sobre relações humanas.

Um outro discurso é quase uma aplicação ao ministério sacerdotal, por salientar nele os aspectos de um espírito completamente oposto ao espírito material da técnica; o espírito moral e humano, e além disso cristão e sobrenatural; que deve animar toda nossa ação pastoral. Neste discurso aos docentes carmelitas, de fato, Pio XII tratou expressamente o argumento das virtudes chamadas naturais.

O Papa enumera alguns exemplos destas virtudes naturais ou qualidades humanas especialmente hoje tão necessárias, e os enumera como um decálogo: "Discat igitur — prossegue ele — et moribus suis demonstret, quia sit *humanae*

1) AAS, 46(1954), 5-16.

2) Cf. Osserv. Rom., 5 de fevereiro de 1956 (ed. francesa),

3) AAS, 43(1951), 734-738.

4) AAS, 47(1955), 212-217.

naturae et consortioni congruus decor". Isso é como o conceito geral. Eis as aplicações especiais: "*Vultum habitumque* suum decenter disponat, — *sit fidus*, — *et verax*, — *servet promissa*; — *suos actus suumque regat eloquium*, — *re-reatur* omnes, — *aliena iura* ne turbet; — *sit malorum patiens*, — *comis*, — *et, quod potissimum est, legibus obtemperet Dei*(5).

Por fim, no discurso de 1955 aos quaresimistas, o Papa assim sintetizava sua tese: "para o trabalho dirigido a renovação de *cada um em particular*, recomendamos-vos sejais — *discretos* em começar, — *constant*es em continuar, — *corajosos* em levar a termo". Eis, portanto: discrição, coragem e constância são três importantes virtudes naturais, essenciais para toda educação de indivíduos e de massas, e mais ainda são tais, pois, para aquele que é o educador por excelência, qual deveria ser todo Sacerdote. Mas ainda outras virtudes, assim chamadas naturais, devem ornar o pastor de almas, como veremos, que não queira correr o risco de comprometer sua ação superior e sobrenatural por falta de alguns pressupostos necessários, ou absolutamente obstruir de início seu contato e seu diálogo com os homens.

2) AUTÊNTICO SENTIDO DA VIRTUDE NATURAL

Bençando, em março de 1955, a pedra fundamental da nova sede do Pontifício Colégio Espanhol em Roma, S.S. Pio XII, assim definia os três fins, entre si complementares, de um Colégio eclesiástico: a) ele "deve ser, antes de mais nada, uma casa de formação de almas, b) depois, um centro de estudos superiores bem equipado, c) e finalmente uma oficina de formação humana".

A *formação humana*, pois, pode ser uma expressão feliz, muito feliz, para indicar impicitamente o complexo de todas as virtudes naturais. Só que — e isto queremos esclarecer muito — uma questão de suma importância, hoje sobretudo, é aquela de entender bem o verdadeiro sentido da virtude natural, e de não confundir seu sentido autêntico com aquele não autêntico da mesma.

A advertência é tanto mais pertinente quanto, particularmente em nossos dias, em muitas manifestações do pensamento, literário ou artístico, científico ou filosófico, teórico ou prático, e até muitas vezes na gíria corrente, chama-se com termos de virtude os vícios, e com termos de vícios as virtudes, seja humanas seja cristãs.

Assim torna-se "realista" quem goza do mundo até poder comprometer o céu, e "utopista" ou "idealista" quem, para se assegurar do céu, tem a força moral de contrariar ao mundo. De modo especial é chamado "espírito forte", quem não é capaz de se controlar, e "tímido" ou "apático" quem é dono de seus nervos; "social" é o desbocado ou o libertino, um "urso" quem é reservado, e "misântropo" quem foge ou reprova ambientes pervertidos e conversas indignas; assim ainda se admira como "espírito aberto" quem não liga a princípios invioláveis de verdade e de consciência, e se despreza ou se escarnece como

5) AAS, 43(1951), 734-738.

“escrupuloso” quem a eles é inflexivelmente fiel e leal. E assim por diante.

3) A FILOSOFIA PAGÃ E O CRISTIANISMO.

Esta referência à filosofia antiga(6) é oportuna porque na formulação teórica da moral, o cristianismo, novo fermento humano-divino(7), mas ao mesmo tempo poderoso assimilador de tudo o que é verdadeiro e bom, absorveu — aliás como era seu direito — não pouco do melhor que havia na filosofia helênica, particularmente através das três principais correntes, platoniana, aristotélica e estoica, que vão ter tôdas, de um modo ou de outro, como à origem comum, a Sócrates.

Em geral se observa na história da filosofia pagã uma oscilação pendular de correntes ora mais espirituais ora mais naturalísticas: do matiz inicial que se pode notar em Platão entre virtude-valor-ético(*areté*) e virtude-hábito(*exis*), foi-se desenvolvendo, com uma acentuação do segundo aspecto, a teoria da virtude-fôrça ou faculdade(*dinamis*), entendida como desenvolvimento da simples capacidade ou atitude natural, embora não no sentido de abandonar isso ao exercício anárquico do homem.

As correntes deterioradoras de todos os tempos, porém, inclinaram-se e declinaram-se sempre neste sentido amoral ou imoral. Era a psicologia natural que tomava de modo indevido o predomínio sobre a moral ou ética racional. O que aconteceu, especialmente com a Renascença em sua parte de tendência neo-pagã, e que mais tarde deveria culminar em proporções clamorosas no ímpio e absurdo ideal nietzshiano do “superhomem”, ou do “existencialista” e do “ateu” moderno, sob qualquer forma, ideologia ou denominação, ele se apresenta ou se esconde.

Trágico processo este — e trágico epílogo — que o P. de Lubac apresenta bem documentado em seu impressionante estudo: “O drama do humanismo ateu”(8). E já que a teoria dos escritores torna-se mentalidade das massas, assim aconteceu que tôdas as virtudes humanas naturais foram “remensuradas” conforme os axiomas e os postulados do ceticismo e do relativismo, do naturalismo anárquico e libertino, do determinismo ou de um fatalismo pseudo-religioso. Isto explica porque hoje por tôda parte existe a tendência de reduzir tudo o que diz respeito à vida humana a termos de arte e de técnica, de sociologismo e de psicologismo, enquanto pelo contrário tudo deveria tender, neste campo humano, para ser levado às perspectivas luminosas da consciência moral e da virtude, da graça e da Providência divina.

6) Cf. Klimke, S.J., “Institutiones Historiae Philosophiae” Romae-Friburgi, Herder, 1923, 2 vol. — “Enciclopedia Italiana”, V. “Virtu”.

7) Sertillanges, O.P., “Il cristianesimo e le filosofie”, Brescia, Morcelliana, 1947, 2 vol.

8) De Lubac H., S.I., “Il dramma dell’umanesimo ateo”, Brescia, Morcelliana, 1949.

II — OS ATOS E AS VIRTUDES

1) AS VIRTUDES NATURAIS COMO PRINCÍPIO DO ATO PERFEITO

a) *Conceito de virtude: ato e hábito*

Dissemos no título geral desta primeira parte que as virtudes naturais formam a *estrutura* da personalidade humana, e também cristã. Estrutura, não alma. Alma da personalidade cristã, e muito mais ainda da sacerdotal, como veremos, é a caridade. E, todavia, pode parecer grave também a afirmação de que as virtudes naturais formem sua estrutura.

Dizemos isso neste sentido: apesar de a personalidade cristã, ou sacerdotal, *enquanto cristã e sacerdotal*, ser essencialmente *sobrenatural*, todavia, *enquanto encarnada numa personalidade humana*, não pode deixar de ser essencialmente e formalmente voluntária e moral, como no adulto, ou destinada a sê-lo, como na criança. Ora, este insuprimível aspecto voluntário e moral — humano — que consiste primeiro na aceitação e depois na realização da personalidade cristã e sacerdotal, em quanto tal, não se opera sem a própria *correspondência por meio do próprio natural* livre arbítrio, e sem a própria progressiva adequação mediante a *aquisição progressiva de hábitos favoráveis*, isto é de boas disposições correspondentes. Tais hábitos ou disposições são, pois, *as virtudes naturais propriamente ditas*, e constituem, no sentido já explicado, a estrutura da personalidade não só humana, mas também da cristã.

Deve-se notar que se podem conceber também hábitos morais bons não informados pelo sobrenatural, como num pagão ou num pecador, ou não dirigidos suficientemente com a intenção do sobrenatural; em tal caso serão sempre, em certo sentido, virtudes, mas virtudes naturais, sobrenaturalmente estérteis ou indiferentes, não tendo por si valor algum ou merecimento de graça e de vida eterna.

Agora, perguntamo-nos mais em particular, em que consiste uma virtude natural? A *virtude* se distingue de um simples *ato virtuoso*, como um princípio se distingue de seu efeito. De fato, se o princípio vital e psicológico do ato humano são as potências, seu princípio vital e moral é o *hábito bom*, isto é, aquela especial "inclinação estável" para o próprio devido objeto, inata ou adquirida com as boas obras. Certamente se pode também agir bem sem ter ainda adquirido o bom hábito da virtude; mas então, a rigor de termos, não feríamos propriamente "um ato virtuoso", — ao menos perfeito e conatural, isto é, com suas características de prontidão, facilidade e prazer — mas um simples "ato bom" da ordem de uma determinada virtude.

Costuma-se dizer que o bom "hábito" constitui a *virtude*, e que o bom hábito das virtudes se *adquire com a repetição dos atos*, como também com os atos cada vez mais ele se arraiga e consolida. Tudo isso é verdade, mas até um certo ponto e com as devidas determinações, como veremos tratando da formação da vontade livre, diferente da formação das outras faculdades, e também porque existem hábitos naturais inatos.

b) *Personalidade moral como equilíbrio das virtudes naturais:*

A personalidade é como a conseqüente moldura, estável e característica, adquirida por cada indivíduo, e pode ser entendida sob vários pontos de vista. A personalidade humana *moralmente* considerada, quer dizer num dos sentidos mais transcendentes e decisivos, tem-se quando o homem em tôdas as suas potências está assim *ordenado e estável espiritualmente*, que nêle resplandeça a *perfeição sintética* de sua *formação integral*, como seu caráter e portanto como valor de uma conquista: a conquista de um *equilíbrio harmônico*, de tôdas as virtudes humanas e naturais. As virtudes infusas ou sobrenaturais são sua elevação, coroamento e o fermento divino(9).

Aquêlé Platão, que nada de divino manifesta quando propugna uma ética de animais imundos, sustentando no *De República* o princípio da propriedade comunitária das mulheres, à descrição do poder civil; diz porém, de fato, uma grande verdade quando afirma como finalidade da ética a semelhança com Deus(10). E nós podemos dizer que esta harmonia ou equilíbrio das virtudes naturais no homem é como um espelho do equilíbrio dos atributos divinos no próprio Deus. Passemos a ver mais de perto a *formação* destas virtudes naturais.

c) *Formação diferente do livre arbítrio e das outras potências.*

A virtude natural, *em geral*, é um hábito adquirido. Mas devemos salientar *uma exceção* muito importante, também pelo seu reflexo pedagógico sobre o método prático educativo. Confesso que a observação poderá parecer nova e, na verdade, por quanto eu saiba, universalmente está descuidada se não completamente ignorada.

De fato, o livre arbítrio, atuando por sua natureza por *eleição*, quer dizer por uma escolha *cada vez deliberada*, evidentemente não pode ser susceptível, falando em termos precisos, de um *hábito* adquirível com o exercício ou repetição de atos. Abandonar portanto a vontade a agir simplesmente conforme um hábito adquirido, seria o mesmo que abdicar em a fazer funcionar como *livre arbítrio*. Daí seguem dois corolários.

Antes de tudo, que o segredo, ou o pressuposto indireto de uma verdadeira e própria formação da *livre vontade* — a qual age e escolhe o que deve ser feito unicamente depois de um *juízo atual* — não é, e não pode ser se não uma convicção fundamental, reta, definitiva e preconcebida. Justamente Dom Bosco, o qual afirmara que: “a educação deve ter por base a vontade, estabeleceu depois, como primeiro termo de seu clássico e imortal trinômio pedagógico a razão: *razão-religião-amabilidade*. E razão era para êle racionalidade

9) Cf. também Lanfranco, “La necessità delle virtù morali infuse secondo S. Tommaso”, Casal Monferrato, Tip. Botto, 1942, (estratto tesi) — Citado na mesma: P. de Wooght, O.S.B., “Y a-t-il des vertus morales infuses?”, em *Ephem. Theol. Lovanienses*, 10 (1933), 232-242.

10) Cf. Stefanini L., “Il problema religioso in Platone e S. Bonaventura”, Torino, S.E.I., 1926.

objetiva e subjetiva, era persuasão pessoal antes de mais nada do educador, e persuasiva em relação ao educando. Esta persuasão, ainda, pode e deve ser também permanente, como um *hábito de ciência* no intelecto e na memória. Mas nunca será puro efeito de um *hábito*, a livre *eleição* da vontade.

Em segundo lugar, pois, o *constitutivo formal* da educação do livre arbítrio como tal não pode ser um hábito. E já que não pode ser um hábito, como dizíamos, deve ser um ato. Mas, qual ato? De certo um hábito especial: isto é, um *ato de decisão ou escolha*, por si *definitiva e irrevogável*, do próprio fim e dos *meios correlativos*, com êle necessária e implicitamente conexos. Isto quer dizer que toda *outra* escolha atual que será feita, ou deverá ser feita depois, terá como *norma* determinante aquela primitiva escolha fundamental e preconcebida. Tudo isso entendido — note-se bem — não como *mecanismo de hábito*, mas como *atualidade de uma deliberação pessoal sempre vital e sempre nova*. Mesmo que a deliberação fôsse rapidíssima, isso será devido essencial e formalmente não tanto ao hábito mental ou volitivo, quanto à lucidez de juízo, quer dizer do critério estabelecido e à firmeza ou sinceridade de determinação do livre arbítrio para seu ideal ou fim escolhido e eleito.

Perguntar-se-á: Se a decisão fundamental é permanente, como se pode dizer que é um ato, e não é um hábito? Digo que a decisão ou escolha fundamental, em tal caso, poderá ser chamada e é um *ato virtualmente permanente*, o que é diferente da permanência por simples hábito. De fato o hábito, em quanto tal, *automaticamente se re-atua*: o ato só virtualmente permanente de livre arbítrio se reatua, pelo contrário, *deliberadamente e não automaticamente*. O hábito, pôstas as ocasiões, “dispara”, mais ou menos prontamente; o livre arbítrio uma vez resolvido, pôstas as ocasiões, “se reafirma”. Quando o hábito “não funciona”, deve-se à sua relativa “fraqueza” de radicação na potência; quando a livre vontade “recua” de seu fundamental propósito, faz isso com a “responsabilidade” de uma “abdicção”. A constância própria de um hábito por si depende de um princípio de *inércia* — passiva ou ativa — de sua *inclinação* adquirida; a constância própria de um ato virtualmente permanente do livre arbítrio por si depende de um princípio de *dinamismo* — eletivo mas nunca passivo — de uma sempre renovada decisão, lembradora e coerente da primitiva decisão compreendida, neste sentido, definitiva e irrevogável.

Será o grau de fidelidade ou de decepções e de volubilidades que medirá o grau efetivo de perfeição — se não absolutamente a inexistência — da presumida decisão absoluta, e portanto da própria educação.

†) *A boa vontade e os bons hábitos*

Sem êste autêntico *ato moral de decisão peremptória*, eficazmente orientadora por parte do livre arbítrio, se houvesse também todos os *hábitos bons* nas outras potências, êstes mesmos hábitos ou seriam violados mais ou menos desconsideradamente e frequentemente perante as seduções contrárias preponderantes, ou seriam praticados mais ou menos habitualmente e quase mecânicamente; e isso seja pela falta de obstáculos e tentações, seja pela própria cômoda e passiva satisfação de se abandonar à simples inércia do próprio hábi-

tualismo não controlado. Neste caso, os hábitos representariam mais uma espécie de *domesticação* do que uma verdadeira e autêntica *educação*, conscientemente moral e humana.

E todavia, devemos dizer bem, e muito bem destes hábitos adquiridos nas várias potências. Eles são preciosos, preciosíssimos e até moralmente necessários. Sua preciosidade e necessidade está no fato de que eles constituem um *adjutório* e uma espécie de *seguro* do próprio livre arbítrio quando tivesse tomado sua decisão fundamental de uma boa orientação moral ao reto fim.

De fato, tais hábitos virtuosos geralmente informam as potências sensitivas, sejam externas sejam internas, *disciplinando estávelmente as paixões*, até o ponto em que possam estávelmente ser disciplinadas. Destas potências sensitivas, pois, eles representam e constituem a própria *maturidade moral*, pela *reta inclinação* e orientação moral que lhes imprimem. No caso contrário, ter-se-ia o patente *conflito moral imanente* ao homem entre a "lei da inteligência" e a "lei dos membros", isto é, entre a mais pura decisão por si definitiva e irrevogável da livre vontade para o bem de um lado, e a impulsividade incomposta e desordenada dos sentidos e dos apetites, e talvez também de hábitos maus em sentido contrário da outra parte. Tudo isso ameaça comprometer a constância e a perseverança da primitiva resolução, levando àquilo que Fabre chama "o cansaço na via do bem" (11).

2) AS VIRTUDES NATURAIS NO ORGANISMO SOBRENATURAL

a) *As virtudes cardiais e suas partes ou rebentos*

As virtudes naturais podem ser reduzidas fundamentalmente às quatro virtudes cardiais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. A prudência, a única que reside no intelecto, é a virtude moral rainha — *virtus regens* — em quanto reguladora das outras três virtudes formalmente morais, e que residem na parte apetitiva, seja espiritual seja sensitiva respectivamente. A justiça regula a vontade, não a respeito das paixões, mas nas relações com os outros. Nas paixões do prazer e do temor, pelo contrário, o homem é regulado respectivamente pela *temperança* e pela *fortaleza*, virtudes que residem formalmente na vontade, e complementarmente, quase materialmente, no apetite sensitivo.

Estas quatro virtudes morais principais ou cardiais caracterizam, cada uma, uma quantidade de sub-virtudes ou quase partes, como agora invariavelmente se conhecem e se enumeram segundo a "*Ética a Nicomaco*" de Aristóteles e os relativos "*Commentari*" do Angélico. No "*Cursus Theologicus*" dos Salmanticenses encontra-se uma *Arbor Praedicalmentalis Virtutum*, segundo a qual podem ser encontradas no Doutor Angélico, não contando as virtudes teológicas, nada menos de uma centena de virtudes particulares (12).

11) Faber, "Conferenze Spirituali": V. "La stanchezza nella via del bene".

12) Salmanticenses, "Cursus Theologicus", VI 408 ss.

b) ...*elevadas e integradas pelas virtudes teologais infusas e pelos dons do Espírito Santo*

Pois bem, todo êste cortejo de virtudes naturais se encontra perfeitamente em seu lugar no organismo sobrenatural, constituído êste pela graça santificante na alma, e pelas virtudes teologais infusas nas potências, fé, esperança e caridade, apuradas e aperfeiçoadas por sua vez pelos dons do Espírito Santo.

A *fé*, de fato, ilumina mais perfeitamente a *prudência*, enraigadas como estão as duas no intelecto. A *caridade* aumenta e aperfeiçoa a *justiça* natural, enraigadas as duas na vontade. E a *esperança* dos bens celestiais revelados pela fé corrobora respectivamente nos apetites sensitivos e na própria vontade que os governa, as virtudes de *fortaleza* e da *temperança*.

São Tomás mostra ainda claramente a correspondência perfectiva dos sete dons do Espírito Santo a estas sete colunas da ordem moral cristã integral. Ele refere o dom do entendimento à fé, o temor à esperança, a sabedoria à caridade, o conselho à prudência, a piedade à justiça e à religião, e a ciência, além de que à própria fé, especialmente à temperança(13).

III — AS VIRTUDES NATURAIS NO SACERDOTE

1) AS QUATRO VIRTUDES CARDEAIS

As virtudes naturais que também devem resplandecer no Sacerdote, nada mais são que as quatro virtudes cardeais e suas virtudes derivadas ou conexas. É mais fácil, em geral, que os Seminaristas e os Sacerdotes encontrem alimento, por meio de pregações, leituras e conferências, para fomentar em si próprios as três virtudes teologais da fé, esperança e caridade. Mais raro, talvez, e mais difícil, que encontrem e alcancem luz apropriada e abundante para se robustecerem nas quatro virtudes morais basilares, que são a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. Contudo, é muito necessário que profundamente o Clero, tanto secular quanto regular, seja educado nelas. “Em duas classes — dizia São João Bosco — dividem-se os eclesiásticos: o clero secular e o clero regular. Para os eclesiásticos que vivem no século, *requer-se* tenham já adquirido uma grande perfeição, antes de serem colocados no govêrno das almas. O estado religioso, isto é daqueles que se afastaram das coisas do mundo, é para aqueles que aspiram à perfeição. Os primeiros *devem ser mais fortes e mais perfeitos* do que os outros, pelas grandes obrigações que lhes incumbem, pela responsabilidade de centenas e milhares de almas, e *pelos grandes perigos aos quais ficam expostos*” (14). À luz de suas especiais condições, portanto, estudem e para si que apliquem as quatro virtudes cardeais.

13) Cf. S. Th. II. II. q. 8, a. 2; q. 19, a. 9, ad 1; q. 45, a. 4; q. 52, a. 2; q. 121, a. 1; q. 139, a. 1; q. 9 a. 2, respective.

14) MB., 9, p. 629.

Ao sacerdote a *prudência* é sempre de uma necessidade duplamente indispensável seja para não comprometer a própria vocação, ou até a própria salvação e santificação(15), seja para não comprometer o próprio apostolado, que deve desenvolver de modo que não afaste, mas atraia e salve tôdas as almas a êle canonicamente confiadas, e que a êle de qualquer modo recorrem(16).

A *justiça* humana e cristã, não só mais abundante, mas essencialmente diferente da dos Fariseus, o Sacerdote a deve infundir nos corações dos homens para que vivam como verdadeiros irmãos sua vida de relação, lançando assim a única verdadeira semente de paz na sociedade e na humanidade tôda: "opus iustitiae pax". Mas o padre deve profundamente se persuadir a si mesmo que em vão pregará e inculcará a justiça se êle mesmo, por primeiro, não a fizer brilhar em si, além de tôda suspeita de egoísmo e de avareza, de fraude ou de negócio, de cobiça e de injustiça, ou ainda absolutamente de tendências e de conivências políticas interesseiras(17).

A *temperança* no Sacerdote deverá constituir, antes de tudo, um baluarte inexpugnável para seu celibato sacerdotal, glória da Igreja católica: segredo e termômetro, também, da eficácia e da fecundidade pastoral de cada padre: "Quando um sacerdote — dizia Dom Bosco, — vive puro e casto, torna-se dono dos corações e conquista a veneração dos fiéis"(18). E ainda: "Nos tempos em que vivemos, é necessária em nós uma modéstia a tôda prova e uma grande castidade... Se esta existe, haverá qualquer outra virtude. Se esta não existe, tôdas as outras ficarão dispersas; ou como se não existissem"(19). Medite-se novamente a Encíclica de S.S. Pio XII "*Sacra Virginitas*". Aliás, a temperança é absolutamente necessária e indispensável ao Sacerdote também no sentido de uma mortificação mais universal: em primeiro lugar no alimento e na bebida, na molície e nas comodidades corporais, e em muitas satisfações fúteis e vãs, tipicamente de seculares: móveis, hábito, diversões, e também fumo, excursões, banhos de mar não estritamente necessários, uso pessoal por simples prazer de rádio, televisão, etc. Tudo isso importa uma educação despreocupadamente evangélica e antimundana, quer dizer um desapego afetivo íntimo, e o mais possível também efetivo, de todos os bens materiais e dos prazeres mundanos materiais que disso possam derivar: "*Nolite diligere mundum, neque ea quae in mundo sunt... quoniam omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitae: quae non est ex Patre*"(20).

Por fim, a *fortaleza*! Quem hoje não vê que, como nos tempos antigos,

15) Cf. Card. Vives y Tuto, "Cave ignoscas...", Milano, "Pro Família", 1947.

16) Cf. Sellmair, "Il prete nel mondo", Brescia, Morcelliana, 1946. — Fabbretti N., "Le plume dell'Anticristo, ossia Anticlericalismo", Milano, I.P.L.

17) Cf. Calabria, "Apostolica vivendi forma" Idem, "Amare", Verona.

18) MB., 9, 387.

19) Ibid., 12, 224.

20) I Jo 2, 15-16.

como em todos os tempos, a fortaleza moral é o pressuposto do Sacerdote como Pastor da grei de Cristo? Sem fortaleza não será pastor, mas mercenário. "*Mercenarius autem, et qui non est pastor, videt lupum venientem, et dimittit oves, et fugit*" (21).

Dom Bosco, que esteve a contato com governos hostis, com protestantes e adversários de toda espécie, repetia aos católicos em geral, e aos Sacerdotes em particular, que "para fazer o bem, é necessária muita coragem!" (22). Se ao padre é necessária também a temperança para moderar suas paixões e ser assim humilde e manso, afável e delicado, paciente e generoso, a fortaleza não menos lhe é necessária para lhe garantir a fidelidade inviolável à sua missão, à custa de qualquer preço, de qualquer incômodo ou dificuldade, e, se fôsse necessário, à custa do supremo sacrifício para o bem das almas. "Quando se serve à Igreja, dizia o então Cardeal Pacelli, é necessário dar-se até ao esgotamento!" (23). Entre as duas regras, substancialmente equivalentes, mas que na formulação exprimem duas tendências, dois espíritos opostos: *Fazei, conquanto que sejais prudentes!* e a outra "Sêde prudentes, *conquanto* que façais, a atitude mais autêntica da prudência, em quanto aliada e não rival da fortaleza, é dada pela segunçia. A prudência, de fato, como a virtude que sagazmente procura e dirige todos os meios à consecução, e não ao abandono do fim, é virtude eminentemente positiva, não negativa; e herdicamente usada, não renunciatória

2) IMPORTÂNCIA DE ALGUMAS VIRTUDES NATURAIS EM PARTICULAR

Das quase cem virtudes morais naturais das quais falamos, Santo Tomás, procurando uma divisão mais sumária conforme o objeto das paixões e o critério da razão natural (24), além das quatro virtudes cardeais enumera estas oito: "*liberalitas, — magnificentia — magnanimitas — philotimia — mansuetudo — amicitia — affabilitas — veritas — et eutrapelia*". No início referimos também quase um decálogo de qualidades naturais recomendadas pelo Sumo Pontífice aos teólogos carmelitas de Roma:

IV — CONCLUSÃO

Como conclusão desta primeira parte, faremos somente duas observações:

1) Quanto estas virtudes, como estão enumeradas pelo Doutor Angélico e que coincidem praticamente com aquelas inculcadas pelo Pastor Angélico, sejam

21) Jo 10, 12.

22) MB., 3, p.40 ss; 52 ss.

23) Cf. também Thibon, "Le risque au service de la prudence", em *Etudes Carmelitaines*, 1939. — Contra outros aspectos de falsificações de virtudes naturais, e de trocas de defeitos com virtudes, veja-se Sidonius Apollinaris, "Epist.", lib. VII, epist. 9, em ML, 58, 577; um artigo do Card. Elias Della Costa, arceb. de Florença, sobre "La Regola di S. Benedetto e l'aggiornamento del Clero", em "Vita Cristiana", (1948), 105.

24) S. Th., I.II, q.60, a.5.

efetivamente importantes para o Sacerdote em seu contato pastoral com o próximo, pode ser já visto, talvez, procurando traduzi-las em termos mais comuns entre nós e praticamente mais compreensíveis. Imagine-se, por exemplo, a "liberalitas" como *desinterêsse* ou *generosidade*; a "magnificentia" como *espírito de empreendimento, praticidade e ousadia nas boas emprêsas*; a "magnanimitas" como *superioridade de espírito, como inteligência pronta e coração grande*; a "philotimia" como *sentido de decoro, respeitável e também agradável*; a "mansuetudo" como *bondade de animo, serenidade e humanidade*; a "amicitia" como *afabilidade e delicadeza*. a "veritas" ou "veracitas" como *sinceridade e lealdade*; a "eutrapelia" como *bonacheirice, como espírito facêto e brincalhão, não desconfiado, ou como familiaridade*.

2) De tudo isso a humanidade, o *sentido da humanidade*, é o que hoje se procura muito no Sacerdote. Nem sempre é verdadeiro, é justo ou conveniente o que alguns parecem esperar ou pretender do padre, impregnados como estão de um humanismo do judeu mundano, absolutamente profano. Mas, em geral, o humano que se quer encontrar no Sacerdote nada mais é que a expressão, espontânea e manifesta, de sua tendência à compreensão que, talvez, não lhe falta no íntimo de seu espírito. Neste sentido já diria São João Bosco a seus filhos, falando da educação: "*Não basta amar, é preciso mostrar que se ama*". E entendia isso como afabilidade, zêlo e dedicação.

É, na verdade, os primeiros sinais pelos quais se julga um padre; são sua *afabilidade* e sua cordial familiaridade, mesmo que, bem entendidos, dentro dos limites de uma sagrada e edificante reserva e da devida dignidade sacerdotal.

Estas virtudes naturais e humanas sejam como a tendência para Deus e para o próximo; tendência para Deus, almejando em seu exercício às virtudes teologais e aos dons do Espírito Santo; tendência para o próximo, animando o exercício das virtudes naturais com uma consciente e ardorosa caridade, sobrenatural e pastoral, à luz da fé.

O ESPIRITUAL... CAMINHO DE SANTIFICAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS DE HOSPITAL

V.R.G.H. Guyot, C.M.

É provavelmente com olhos invejosos que qualquer um que trabalhe num moderno hospital católico, lê o Evangelho e nota a facilidade com que N. Senhor cuidou dos doentes. Não havia papcletas, nem exames, nem aparelhos caros, nem cuidados de cabeceira. O doente era trazido à presença de N. Senhor e com uma palavra Ele o curava. O mesmo pode ser dito em relação às curas operadas por São Pedro; sua sombra bastava; também São Paulo pôde curar por tocarem no seu corpo, num pedaço de sua roupa. O ocupado capelão de um hospital, o administrador, a supervisora, a enfermeira, o médico, a Irmã ou o Irmão bendiriam a presença de um São Pedro ou um São Paulo para não dizer a de N. Senhor com a sua Onipotência. Gostaria de ser um arauto para anunciar a sua vinda, pelo menos a vinda de Pedro ou de Paulo: na verdade eu aceitaria ser o defensor de um método para simplificar o trabalho do Hospital. Entretanto essa não é a minha função. Meu objetivo é apresentar alguns pensamentos na força espiritual e sobrenatural que pode dar coragem e força aos que trabalham no hospital, sobretudo aos religiosos, para realizarem as funções a eles confiadas.

PORQUE UM HOSPITAL CATÓLICO É DIFERENTE

Qualquer instituição que esteja nas mãos de católicos é ou deve ser diferente das instituições que estão confiadas a não-católicos; pelo simples fato de ser uma instituição católica ou ser dirigida por um grupo de católicos, tem ou deve ter em mira uma finalidade sobrenatural, deve ser governada por princípios sobrenaturais e deve usar meios sobrenaturais.

Um hospital que merece o nome de católico, seja ele mantido ou simplesmente administrado por católicos, deve ser tão moderno e atualizado como qualquer outro hospital e ao mesmo tempo deve ser católico em finalidade, com princípios e em meios.

A *finalidade* de qualquer hospital católico é cuidar do doente não só corporalmente, mas também, e antes de tudo, espiritualmente e sobrenaturalmente. Se se perde de vista a alma do doente, então o nome de hospital católico está mal empregado.

A *filosofia* de um hospital católico precisa ser calcada sobre os ensinamentos da Igreja Católica não somente nos dogmáticos, mas também nos ascéticos e espirituais. Os *meios* de um hospital católico precisam corresponder à finalidade e aos princípios — precisam ser espirituais e sobrenaturais.

A finalidade, os princípios e os meios sobrenaturais não se encontrarão na estrutura do Hospital; eles não estão nos corredores nem nas salas. Eles se encontram no coração dos que trabalham no hospital. Uma vez que os religiosos e funcionários do hospital orientaram suas vidas para Deus como seu fim sobrenatural, uma vez que eles estabeleceram suas próprias vidas nos princípios sobrenaturais do Evangelho, nos ensinamentos da Igreja e nas Regras da própria Congregação, se pertencem a alguma; uma vez que tenham aprendido a usar meios sobrenaturais para atingir seu fim sobrenatural; então, e só então, terão os religiosos e os funcionários do hospital a força espiritual necessária a religiosos e funcionários de um hospital católico.

A obediência é a fonte da qual religiosos e funcionários podem haurir a força espiritual necessária para os seus trabalhos. Assim como o Divino Mestre veio a este mundo não para fazer a sua vontade, mas a d'Aquêle que o havia enviado, assim os que trabalham num hospital estão realizando uma tarefa imposta pelos superiores e não pela vontade própria, quer o encargo seja um que ponha o religioso ou a religiosa em contato direto com o doente ou não. Quer seja administração ou supervisão, ou escrituração ou enfermagem ou o que quer que seja, quando o encargo é aceito como sendo a vontade de Deus, o religioso santificará seu trabalho, pois que a santidade não está condicionada a uma determinada espécie de atividade.

Jesús Cristo santificou-se na oficina de carpinteiro, pois "Ele avançava em idade, graça e sabedoria" durante sua vida oculta de carpinteiro da cidade. Santidade depende da vontade do indivíduo, não da sua atividade. A administradora pode santificar-se administrando, tanto quanto a escriturária escrevendo e a supervisora supervisionando e a enfermeira prestando cuidados aos seus doentes, e, na verdade, tanto quanto a religiosa contemplativa adorando o SSmo. na capela. É o cumprimento da vontade de Deus que conta e não o que é feito.

A PRINCIPAL FONTE DE FÔRÇA ESPIRITUAL

Uma outra fonte de força espiritual no trabalho de hospital é a vida espiritual da religiosa. Na verdade, esta é a fonte. Uma religiosa é devotada, por regra, ao serviço de Cristo de uma maneira especial. Antes de tudo, deve haver uma vida de união íntima com Deus através de Jesus Cristo e na imitação d'Ele. Esta união cresce e expande-se através da caridade, a rainha das virtudes.

Na medida em que o amor de Deus aumenta na alma, ele começa a incluir mais e mais o próximo pela razão de ser a medida do amor de Deus.

Quanto maior fôr o amor de Deus maior será o amor do próximo. Ninguém amou a Deus como Nosso Senhor; ninguém amou os homens como Nosso

Senhor. Seu amor por seu Pai impeliu-o para o sacrifício supremo, para a morte na cruz. "Maior amor ninguém tem, do que dar a vida por seu amigo". É portanto o amor de Deus que deve ser o motivo impulsor para a religiosa de hospital; é o amor de Deus transbordando em serviço do próximo. Eis o resumo e a essência dos trabalhos de uma religiosa de hospital.

Esta última sentença pede uma explicação, pois é a chave do problema que tanto preocupa aquêles que se deram a Deus, e se sentem tão sobrecarregados de atividades e trabalhos. Fundamentalmente, é o problema de unir o amor de Maria com a atividade de Marta. De início, deve ser esclarecido que atividade em si não é oposta à união com Deus; se assim fôsse, teria Cristo passado tantos anos nas atividades de carpinteiro e de professor público? Pelo contrário, são manifestações do amor de Deus. As ações de Cristo emanavam do seu amor a Deus; elas eram a expressão da vontade de Seu Pai, e executando-as, Nosso Senhor realizava na sua vida o que Ele havia dito: o amor é manifestado pela obediência: "Se tu me amas, guarda os meus mandamentos".

TRABALHOS PARA NOS SANTIFICAR

É verdade que a atividade pode tornar-se um obstáculo à vida espiritual; a razão disto, entretanto, está no indivíduo e não na atividade. Quando a pessoa deixa-se absorver pelo trabalho ou não sobrenaturaliza suas atividades, ou não faz os exercícios espirituais da vida religiosa a fim de trabalhar melhor no serviço do próximo, nêsses casos a atividade é um obstáculo ao avanço na vida espiritual. Entretanto, a responsabilidade da falta está na mentalidade e no coração do indivíduo. Seria bom lembrar que os exercícios espirituais são primariamente para o progresso espiritual da religiosa e não para vantagem das atividades. Estas devem emanar dos resultados dos exercícios espirituais e devem habilitar a religiosa a fazer melhor êsses mesmos exercícios.

Qualquer outra atitude seria pôr "o carro adiante dos bois". Trabalhamos a fim de nos santificarmos; nós não nos santificamos a fim de trabalharmos, mas a fim de trabalharmos melhor e melhor.

O trabalho é o resultado da santificação e ao mesmo tempo êle deve ajudar na santificação.

A questão que logo se apresenta à nossa imaginação é: como poderá uma pessoa religiosa aumentar, crescer no amor de Deus, a um tal grau que êle transborde no seu trabalho? Como pode uma religiosa aprender a santificar-se no meio de suas atividades e não deixar suas atividades tornar-se o primeiro e mais importante objectivo de sua vida? Como pode o administrador de um moderno hospital controlar os problemas de administração de maneira a que êles não interfiram com a sua meditação, sua Missa e ação de graças? Como pode uma Superiora ou uma enfermeira manter-se calma, espiritualmente falando, no meio das preocupações e agitações da sua enfermagem? Ou como pode santificar-se o religioso ou a religiosa que trabalha como Caixa do Hospital, escripturando as despesas dos doentes?

A resposta para estas e outras perguntas similares pode ser dada nessas duas palavras: Jesus Cristo.

Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Ele. Ele revela o Pai e n'Ele-lo faz conhecido. Estudar Jesus Cristo, para conhecê-LO, amá-LO e imitá-LO: eis a resposta à pergunta como amar a Jeus, ao grau de transbordá-LO nas ações próprias.

JESUS A ÚNICA RESPOSTA

Estudar Jesus Cristo: A meditação dos Santos Evangelhos é o melhor meio para estudá-LO, porque nos quatro Evangelhos nós temos as ações, as palavras, a vida de Nosso Senhor.

O Administrador de Hospital pode deter-se na cena da Última Ceia, quando Nosso Senhor "levantou-se da mesa, retirou suas vestimentas e pegando uma toalha, cingiu-se. Depois pôs água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a toalha com a qual se havia cingido... Depois de ter lavado os pés vestiu-se novamente e, já reclinado no divã, disse-lhes: "Sabéis o que acabo de vos fazer? Chamais-me Mestre e Senhor e dizeis bem porque O sou. Se, por conseguinte, o Senhor e Mestre lavou-vos os pés, deveis também lavar os pés uns dos outros. Pois dei-vos o exemplo, para que assim como eu fiz convosco assim deveis fazer uns aos outros. Em verdade, em verdade, vos digo, nenhum servo é maior do que seu mestre, nem é aquele que é mandado maior do que aquele que o mandou... Aquêle que quiser tornar-se grande dentre vós, que seja servo e aquêle que desejar ser o primeiro dentre vós, será vosso servo. Assim como o Filho do homem não veio para ser servido mas para servir".

A enfermeira ou superiora fatigada e aborrecida, poderá fazer a sua meditação da manhã sobre a cena do último julgamento: "O Rei dirá àquêles da direita: Vinde, benditos do meu Pai, possuir o reino que vos está preparado desde o início do mundo, porque Eu tive fome e Me destes de comer; Eu tive sede e Me destes de beber... doente e Me visitastes... Em verdade, em verdade vos digo, tôdas as vêzes que fizestes isto ao menor dos meus irmãos foi a Mim que o fizestes".

A escriturária poderia meditar sobre o jovem Jesus na carpintaria, lembrando-se que Ele crescia em idade, graça e sabedoria diante de Deus e dos homens, enquanto trabalhava e fatigava-se.

CONHECENDO JESUS

Conhecê-lo. Além da meditação nos Evangelhos, a Missa diária, a Santa Comunhão, ações de graças e visitas ao Santíssimo Sacramento são para a religiosa o melhor meio de conhecer Jesus Cristo. Esses momentos são os momentos da religiosa com o seu Jesus e espôso. Nada deve desviá-la deles. Como

Maria sentou-se aos pés do Mestre, assim elas têm o privilégio de sentar a Seus pés, e mais ainda, têm o privilégio de abraçá-Lo no íntimo de suas almas e expandir suas almas em amor, louvor, gratidão e súplicas.

Há porém um outro lugar onde podem conhecê-Lo: à cabeceira do doente, Ele espera seus cuidados; nos corredores dos hospitais Ele as encontra na pessoa dos parentes e amigos do doente; Ele deve ser encontrado trabalhando na cozinha, na lavanderia, na sala de operações; Ele entra no gabinete do administrador na pessoa dos médicos, enfermeiras, capelães, Irmãs. Como São Paulo diz: "Agora sois o corpo de Cristo, membros de seus membros", assim somos todos um corpo em Cristo, mas membros uns dos outros. É misterioso privilégio delas, tomar o lugar de Cristo e ao mesmo tempo servir o Cristo.

Na realidade, é Cristo cuidando do Cristo. Ocupam Seu lugar e O representam nos cuidados junto aos doentes, que por sua vez ocupam o lugar de Cristo para elas.

AMAR JESUS CRISTO

Estudá-Lo e conhecê-Lo é *amá-Lo*. É quando O vêem em necessidade e em dor, quando Ele lhes pede auxílio como pediu água na Cruz: "Tenho sede", quando vêem o seu amor pelos pobres e doentes manifestado na Sua própria vida, quando apreciam sua própria posição, representando o papel do Bom Samaritano, pondo óleo e vinho para mitigar as dores dos membros sofredores de Cristo, quando meditam sobre o Cristo que lhes dá a maravilhosa prerrogativa de tomar o Seu lugar e de O representar, como podem deixar de amá-Lo?

Imitá-Lo — O amor reclama semelhança.

Observando o amável Jesus entre as multidões que o cercaram durante Sua vida aqui na terra, e notando Sua bondade, Sua mansidão e Sua humildade, não podem deixar de imitá-Lo. É sobretudo no trato com os pecadores que devemos imitar Nosso Senhor.

Detenham-se por um momento sobre a atitude de Nosso Senhor com a mulher apanhada em adultério. "E Jesus levantando-se, disse-lhe: Mulher onde foram eles? Nenhum te condenou? Ela respondeu: Nenhum, Senhor. Então Jesus disse: Eu também não te condeno. Vai e não tornes a pecar".

A PALAVRA DO SANTO PADRE

O Santo Padre Pio XII resumiu o pensamento do parágrafo precedente nas seguintes palavras da sua encíclica sobre o Corpo Místico: "É Cristo que de vários modos se manifesta nos vários membros da sua sociedade. Se todos os fiéis se esforçarem por viver realmente com este vivo espírito de fé, não só prestarão a devida honra e reverência aos membros mais altos deste Corpo Místico, sobretudo aos que um dia têm de dar conta das nossas almas, mas amarão de modo particular aqueles que o Salvador amou com singularíssima ternura, quais são os enfermos, chagados, fracos, todos os que precisam de remé-

dio natural ou sobrenatural; a infância; cuja inocência está hoje exposta a tantos perigos, e cuja alma se pode modelar como branda cêra; os pobres nos quais com sua compaixão se deve reconhecer e socorrer a Pessoa de Jesus Cristo.

“Mas para que esta genuína caridade, com que devemos ver o Salvador na Igreja e nos seus membros, não venha pouco a pouco a arrefecer, é bom contemplemos o mesmo Cristo como supremo exemplar de amor para com a Igreja”.

P. Miguel Meier, S.J. A CATEQUESE ILUSTRADA PELA BÍBLIA E EXEMPLOS ou Mina de Ouro e Prata explorada em prol da Catequese. 3.ª edição. Edições Paulinas, 366. pgs.

É um livro pedagógico e vem atender a um anseio bem antigo entre os que fazem a Catequese. Sempre foi problema de qualquer catequista dar a entender aos seus alunos, crianças ou adolescentes, o verdadeiro sentido da Bíblia e seu lugar na revelação católica. As crianças fazem uma separação entre catecismo e Bíblia, constituindo esta apenas um livro de “histórias”, do qual guardam algumas personagens dispersas que colocam ao lado de personagens ficícias das histórias fantásticas. Dissociam inteiramente o estudo do catecismo do estudo da Bíblia e com isto perdem inteiramente a noção da fonte de revelação que constitui a Sagrada Escritura.

O livro do Pe. Meier vem corrigir esta tendência, orientando o Catequista e colocando-o dentro do plano da Igreja. Preparando suas aulas ou mesmo ministrando-as pelo livro poderá afinal dar aos catequizandos a idéia real do que seja fonte de revelação, estudo da doutrina cristã com seus fundamentos instituídos pelo divino fundador, e fará brilhar aos olhos de crianças e adultos o que o Cristo representa para nós e como se manifesta clara e patente sua Missão de Redentor desde o Antigo Testamento até ao Apocalipse. Será fácil, agora, encaixar devidamente todas as passagens dos livros sagrados no estudo do catecismo, até

mesmo do catecismo popular ou colegial. Todas aquelas personagens que surgiam na penumbra da lenda terão seu lugar e sua missão bem definidos e perfeitamente com a missão que lhes competia. Assim tornam-se conhecidas as maravilhosas Epístolas de São Paulo e dos outros apóstolos; os 4 Evangelhos e suas eternas lições de santidade e aperfeiçoamento cristão. Torna-se claro e prático todo o ensinamento da Igreja, sua infalível doutrina transmitida através dos séculos, a veracidade das instituições, hierarquia e determinações que Ela transmite aos povos em todos os tempos. São as palavras de Jesus, suas ações e seu ensinamento que nos confirmam o estudo da doutrina. É o que disse e como o devemos fazer.

Assim, revestido de todas estas utilidades, o livro do Pe. Meier surge atendendo a uma necessidade e ansiedade. Cremos que será utilíssimo aos Catequistas e aos estudantes de Cursos mais adiantados. O livro contém ainda um apêndice de casos e exemplos para ilustrar e atrair a aplicação da doutrina, referentes à vida dos Santos, de pessoas célebres, ou ainda mostrando o castigo para os empedernidos no erro ou a recompensa dos que perseveraram no bem. Em tudo e por tudo é um livro que chegou no momento. Ir.M.D.

LITURGIA E CATEQUESE

Dom Marcos Morais O.S.B.

1 — CRISTIANISMO É VIDA

Quando Nosso Senhor transmitiu aos Apóstolos a sua missão divina de ensinar aos homens de toda a terra os mistérios de Deus, ao mesmo tempo os incumbia da missão de comunicar a estes mesmos homens a vida divina trinitária: "Ensinaí a todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". É nesta palavra, nesta ordem de Cristo, que devemos encontrar a conexão profunda entre Catequese e Liturgia. O Cristianismo não é apenas uma doutrina: ele é, antes de tudo, *uma vida*, a vida de Deus comunicada aos homens. E, se há no Cristianismo uma doutrina — e há porque Cristo é a *Verdade*, se há no Cristianismo um roteiro — e há porque Cristo é o *Caminho*, esta doutrina e este roteiro devem conduzir o cristão a uma *vivência* das realidades do Cristianismo, porque antes de mais nada Cristo é a vida do cristão e o cristianismo é justamente a irradiação pela humanidade desta vida eterna e trinitária que Cristo nos trouxe na sua Encarnação e nos comunica pela ação moderna da Igreja, continuadora de sua ação na terra. Ora, é precisamente pela Liturgia que a Igreja exerce esta sua ação materna de comunicar, restituir, alimentar e revigorar a Vida de Cristo em nós. Aparece então claramente o íntimo nexó que deve haver entre a Catequese (que transmite a doutrina cristã) e a Liturgia (que transmite a vida cristã).

2 — O MOVIMENTO LITÚRGICO ATUAL

Uma das características de nosso tempo, no que se refere à vida da Igreja, é o extraordinário desenvolvimento que vem tendo cada vez mais o Movimento Litúrgico, desenvolvimento devido em grande parte ao apoio e estímulo que o Movimento tem recebido da Santa Sé, principalmente do Santo Padre Pio XII de santa memória. Passemos de relance as principais fases deste desenvolvimento nos últimos 50 anos. Antes de tudo, devemos constatar que o nosso estado atual é ainda de plena evolução e nos encontramos a caminho de uma meta que apenas vislumbramos ao longe. Mas vejamos a história:

A) Há uns 50 anos atrás era absolutamente normal considerar a Liturgia apenas como um complexo de cerimônias do culto público da Igreja e das leis eclesiásticas que o regem. A Liturgia era mais ou menos um apêndice

do Direito Canônico. A isto se limitavam os compêndios da Liturgia de então.

Esta concepção da Liturgia hoje não só foi ultrapassada pelo desenvolvimento extraordinário do Movimento Litúrgico, mas foi mesmo definitivamente proscrita e condenada pela "Mediator Dei" (n.º 25).

Embora não sejam ainda tão raros os que persistem neste conceito minimalista da Liturgia, todavia, graças a Deus, cada vez mais se tornam menos numerosos. As rubricas e leis eclesiásticas a respeito dos ritos fazem, sim, parte do estudo da ciência litúrgica. Mas não é apenas isto!

B) Dentro deste período (50 anos), houve vários sintomas de reação, que há uns 30 anos começaram a vir à tona também nos ambientes de formação clerical por meio de compêndios e manuais que apresentaram a Liturgia já com novas dimensões e novos horizontes. Esta reação contra a limitação arbitrária da Liturgia às rubricas se manifestou em dois sentidos: — a) alargou-se o *objeto* da ciência litúrgica: começam-se então a estudar os ritos, os formulários, os livros litúrgicos, os edifícios do culto, o altar, os vasos sagrados, os paramentos, o canto gregoriano, os ciclos do ano litúrgico, as festas, o ofício divino e até mesmo estas mesmas coisas nos outros tipos de Liturgias não romanas (Liturgia Comparada);

b) de tudo isto não só se fez uma análise profunda e minuciosa, mas também procurou-se estudar este complexo de objetos em seu aspecto genético e histórico, apresentando de cada um a linha de seu desenvolvimento e de sua formação até ao presente.

Precursor desta reação, pode ser citado o "Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie", organizado por H. Leclerc em Paris a partir de 1903. Também como pioneiros deste despertar da Liturgia para o aspecto histórico e de seu alargamento de horizontes, podemos citar os movimentos litúrgicos nascentes em diversos países da Europa; na Alemanha, Maria Laach e Romano Gardini; na Bélgica: Mont César, Cuniberto Mohlberg, Lamberto Beauduin; na França: Solesmes, D. Guéranger; na Itália: S. Paolo, Card. Schuster; etc.

Os principais manuais que compendiarão este aspecto foram o de Luigi Eisenhofer: "Nandbuch der Katolischen Liturgik", Freiburg i. B., 1932; e o de Mario Richetti, na Itália: "Storia Liturgica" em 4 volumes, Milão, 1945. Este passo histórico assinalou um progresso imenso no estudo da Liturgia e no entendimento de seus ritos, principalmente porque muitos autores puseram em evidência os influxos externos (culturais, sociais, psicológicos) que determinaram o aparecimento ou a mudança de vários ritos. Tudo isto forma uma base indispensável ao estudo completo da Liturgia e o Movimento Litúrgico atual, embora desabroche mais em outras direções, como veremos logo mais, não poderá mais desprezar esta riqueza imensa adquirida, que é o conhecimento histórico dos ritos; pelo contrário, deverá promovê-lo mais ainda para aperfeiçoá-lo e explicá-lo o mais possível.

C) Finalmente, nestes últimos 15 anos, e principalmente depois da Encíclica "Mediator Dei" (20 de novembro de 1947), estamos vivendo o desabrochar de uma nova e riquíssima fase do Movimento Litúrgico: certamente a

mais bela e a coroa das precedentes. É um desabrochar em três direções:

a — *Pastoral*, procurando dar a Liturgia ao povo com toda a sua riqueza, e aproximar o povo da Liturgia na linha da tradição patrística, por meio de explicações, traduções, celebrações para-litúrgicas, cursos, etc.

b — *Ascética*, procurando tirar da Liturgia um fermento de vida espiritual e desenvolvendo em todos os setores da vida cristã (principalmente na Ação Católica) uma espiritualidade cada vez mais centralizada na Liturgia.

c — *Teológica*, procurando aprofundar o conteúdo vital da Liturgia à luz dos grandes princípios teológicos e da síntese geral da Dogmática.

Para exemplificarmos estas três tendências do Movimento Litúrgico de hoje, basta passarmos os olhos:

— *para a parte pastoral* — nas diversas revistas que se ocupam de Pastoral Litúrgica, como "Paroisse e Liturgie", "Questions Liturgiques et Paroissiales", "Ephemerides Liturgicae", "La maison-Dieu", etc.

— *para a parte ascética* — "Liturgia y espiritualidad", por D. Gabriel M. Brásó, OSB, Montserrat, 1956.

— *para a parte teológica* — "Il senso Teológico della Liturgia", por B. Cipriano Vagaggini OSB, Ed. Paoline, Roma, 1957. (É também o P. Pinto: "O valor teológico da Liturgia", Lisboa, 1956).

Aí se encontra toda a bibliografia especializada e abundante.

3 — O CONCEITO PRECISO DA LITURGIA

Há muita confusão a respeito. E talvez o motivo de que muitos não aceitam nem ajudam o Movimento Litúrgico é a ignorância de que realmente seja a Liturgia.

Ainda não podemos dar uma definição que se imponha pelo consenso dos Autores ou pelo valor tradicional. Os estudiosos de Liturgia ainda hoje discutem sobre a definição mais exata, que naturalmente varia conforme a concepção de cada um. Nem mesmo a Encíclica "Mediator Dei" dirimiu esta questão, porque não propõe uma definição completa, mas acena suficientemente aos elementos principais. No n.º 20, p. ex., salienta o valor da união da Igreja com Cristo, e portanto da presença de Cristo em toda ação litúrgica. No n. 22 salienta que a liturgia é o exercício do Sacerdócio de Cristo. Enfim, no n. 169, põe em evidência o conteúdo da Liturgia e o aspecto de santificação nossa por e em Cristo. Não há portanto na Encíclica uma definição completa. Entre os autores modernos, o que melhor e mais sistemático esforço fez para apresentar uma definição da Liturgia foi o Pe. Vagaggini. Ele parte da consideração integral de todos os elementos que concretamente constituem a liturgia; procura depois as notas características essenciais em que todas coincidem e, entre estas, aquela da qual dependem as outras como de sua raiz. Concretamente a Liturgia é constituída: pelo Sacrifício da Missa; pelos 7 Sacramentos e Sacramentais; as orações que acompanham estes ritos; a recitação das horas canônicas (Breviário) e o Ano Litúrgico.

As notas em que convêm são:

a) *Sinais sensíveis* de coisas sagradas. Assim é a Missa: diz Santo Agostinho: "O sacrifício visível é "sacramentum", isto é, sinal sagrado do sacri-

fício invisível". Assim são os Sacramentos conforme a clássica definição de Santo Tomás: "Sinais sensíveis e eficazes da graça significada". Neste ponto os sacramentais não escaparam também, como é evidente. E as horas canônicas são por própria natureza sinais sensíveis orais de conceitos internos. As cerimônias e ritos litúrgicos são também chamados pelo Concílio de Trento "sinais visíveis da religião e da piedade".

b) São sinais *eficazes* de uma maneira toda especial, porque são instituídos ou por Cristo mesmo (e então são eficazes "ex opere operato") ou pela Igreja ("ex opere operantis Ecclesiae").

c) São usados para o fim duplo de prestar *culto* a Deus e de *santificar* as almas e, por conseguinte, a Igreja.

d) Este culto e esta santificação se fazem em *Cristo* exclusivamente, Mediador único, Deus Homem, Cabeça do Corpo Místico.

e) Sendo em Cristo, é também no Espírito Santo, alma da Igreja, no qual se realiza todo culto e toda santificação. Toda oração da Igreja é necessariamente "espiritual", pneumática, conforme a fórmula paulina: "Por meio de Cristo temos acesso no Espírito ao Pai" (Eph 2,18).

Dêstes elementos resulta a definição: A Liturgia é o complexo dos sinais sensíveis de coisas sagradas, espirituais, invisíveis, instituídos por Cristo ou pela Igreja, eficazes cada um a seu modo daquilo que significam e pelos quais Deus (Pai) por meio de Cristo e na presença do Espírito Santo santifica a Igreja e a Igreja na presença do Espírito Santo, unindo-se a Cristo sua Cabeça e seu Sacerdote, por meio dele e como seu corpo dá a Deus (Pai) o seu culto.

Resumindo: "A Liturgia é o complexo de sinais sensíveis eficazes da santificação e do culto da Igreja".

Portanto: a) A Liturgia não é somente o culto que a Igreja presta a Deus, mas também a santificação que Deus faz da Igreja;

b) A Liturgia não é somente a parte humana, de instituição eclesiástica, mas é também a parte divina, o núcleo central, essencial e divino, p. ex. da Missa e dos Sacramentos.

A Liturgia não é um monólogo diante de Deus, mas um diálogo entre Deus, mas também a santificação que Deus faz da Igreja;

a fase atual da História Santa (de Pentecostes à Parusia) na qual se realiza plenamente o sentido da História: o "Mistério de Cristo e da Igreja". É o que os antigos chamavam de "Mysterium", e que é a comunicação da vida divina aos homens por Cristo e pela Igreja no Espírito Santo.

4 — A CATEQUESE

Não seria o caso de elaborar aqui o conceito de *catequese*, já bastante estudado e debatido em conferências e artigos. Lembro apenas a distinção entre Catequese de Adultos, que é a pregação, o anúncio da Palavra de Deus, feito à comunidade dos fiéis pela Igreja, para movê-los a corresponderem às exigências de ordem vital que tal Palavra comporta (não é apenas um ensino, mas também uma exortação a mudar de vida e a amar a Deus), e Catequese de Criança ou Catecismo, que é a primeira iniciação à vida cristã adaptada à

psicologia e à mentalidade infantis. Em ambos os casos, o que se deve anunciar é essencialmente o mesmo ministério apostólico, isto é, o Mistério de Cristo e da Igreja como sentido, fim e coroa da História Santa. Assim foi a pregação dos Apóstolos e dos Santos Padres. Mas o que mais nos interessa aqui é a questão da Catequese das Crianças, do Catecismo, e sua relação com o mundo da Liturgia.

5 — O TEXTO DE CATECISMO

Os catecismos usados em nossas escolas (o livro de Texto) constituem um dos principais problemas do renovamento catequético e, por conseguinte, da recristianização dos homens. Aumenta ainda o problema a necessidade de adaptá-lo às exigências de hoje, quer em matéria de psicologia infantil e pedagogia, quer em matéria tipicamente religiosa (exigências de maior aprofundamento vital, etc.), quer finalmente em relação aos perigos e às dificuldades modernas com respeito ao estudo de religião (ambiente familiar paganizado, sociedade anti-cristã, dificuldades científicas). São hoje apontados como deficiências nos nossos catecismos tradicionais:

- a) muita abstração e distância da vida concreta: é composto apenas de fórmulas dogmáticas, abstratas, quase como resumo dos compêndios de Teologia.
- b) por conseguinte dirige-se quase exclusivamente à inteligência da criança, deixando à parte as outras faculdades (vontade, afeto, sensibilidade, etc.).
- c) mesmo nos tipos mais recentes em que se procurou ir de encontro a esta dificuldade, introduzindo episódios da S. Escritura, isto foi feito de uma maneira forçada, quase por justaposição, sem unidade interior entre os fatos e a doutrina racional expostas.
- d) a preocupação com a parte apologética perturbou a exposição tranqüila e serena do dado revelado.
- e) a parte moral é muito negativa, tãda baseada na obrigatoriedade dos preceitos e no conceito do pecado, insistindo-se pouco nos valores positivos da religião e no amor.
- f) o pêso sôbre a *memória* é muito grande, sempre no estilo antipático das perguntas e das respostas.
- g) não procura suprir às deficiências que a criança encontra na família e na sociedade: falta de educação do sentimento e da vontade, do sentido comunitário, eclesial, litúrgico.
- h) não acompanha o progresso da pedagogia moderna e as necessidades da alma infantil que se deixa prender mais pelas coisas intuitivas, concretas, sintéticas, do que pelas abstratas e analíticas.
- i) não põe a criança em contato com as fontes verdadeiras da doutrina cristã que são a Bíblia e a Vida Litúrgica da Igreja.
- j) não é centralizado em Cristo, no seu Mistério e no da Igreja.
- l) não leva à vida; limita-se a uma doutrina.

Alega-se como prova da ineficiência dêste método o fato da falta de vida cristã na sociedade de hoje e mesmo entre pessoas que freqüentaram durante vários anos colégios religiosos.

6 — CATECISMO E LITURGIA — VIAS DE SOLUÇÃO

Sendo o catecismo a iniciação da criança na doutrina e na vida cristã, é claro que deve ser, da mesma maneira que a pregação, uma apresentação da Palavra de Deus, do Mistério da Salvação, da História Santa e principalmente do Mistério de Cristo e da Igreja. Seu escopo deve ser levar a criança a Cristo e Cristo à Criança. Deve ser, portanto, antes de tudo teologal, cristocêntrico, bíblico, litúrgico, vital, concreto. E tudo isto numa forma de apresentação e numa didática adaptada à criança. O aspecto intelectual de fórmulas abstratas não deve ser totalmente eliminado; mas deve ceder o primeiro plano ao aspecto concreto, vital; e a ele a criança deve ser introduzida mediante a História Santa, por exemplo ensinando a Onipotência de Deus mediante a contemplação de Deus, agindo no mundo com grande poder, e não por fórmulas abstratas e definições.

Também o aspecto moral de nossas obrigações religiosas não deve ser desprezado. Mas deve ser apresentado como *derivado* da História Sagrada, como faz a Bíblia. Da mesma forma, o aspecto apologético: deve ser claramente como de segundo plano, uma defesa. O essencial é a doutrina em si. Se se realiza esta reforma do catecismo aparece claramente a unidade profunda que deve haver entre Catecismo e Bíblia e — é isto que nos interessa aqui — também entre Catecismo e Liturgia.

Com efeito a Liturgia é toda centralizada no Mistério da História Santa. Ela é misticamente a *fase atual* desta História, o ponto de encontro entre Deus e nós na economia atual. Ela será então a concretização sacral, sob o véu dos sinais sagrados, do mundo do catecismo: será o mundo do Catecismo vivido sacramentalmente no seu ato mais importante. Não só a explicação da Liturgia encontrará o seu lugar pleno e o seu significado no Catecismo; mas todo o Catecismo será na sua atmosfera geral profundamente litúrgico. De cada questão se poderá examinar a sua aplicação viva e o seu prolongamento na Liturgia.

Não se trata apenas de uma justaposição sem unidade interior, mas de íntima fusão com cada uma das questões. Algumas delas tratam diretamente de temas profundamente unidos à Liturgia, como, por exemplo, os Sacramentos e principalmente a Eucaristia e a Missa. Outros tratam mais vagamente, como as questões relativas às funções da Igreja (doutrinal, cultural, santificadora, governamental). A própria maneira de tratar as questões deve ter uma atmosfera litúrgica, como tem de fato no Catecismo alemão, pondo-se em evidência aquelas doutrinas teológicas que são o fundamento da Liturgia, como: Igreja povo de Deus, Comunhão dos Santos, Cristo à direita do Pai, Cristo presente entre nós, Espírito Santo presente e santificador, Deus nosso pai, Vida eterna, Jerusalem Celeste, Vida Eclesial, etc. Isto se consegue maravilhosamente se se baseia o Catecismo na Bíblia, na História Sacra, no Mistério de Cristo e da Igreja; e se se procura encaminhar cada questão para a sua vivência litúrgica, concreta e prática. Portanto, não se trata apenas de tratar do culto em apêndice justaposto. Trata-se de criar um clima litúrgico em torno de toda a Catequética, de revelar e pôr em evidência a *dimensão litúrgica* de cada uma das questões, ao lado p. ex. da dimensão bíblica, moral

ou especulativo-dogmática. Esta dimensão litúrgica das questões dará a cada uma delas o seu aspecto vital e prático: como *viver* tal realidade? Se estas questões, aparentemente tão longe de uma impositação litúrgica, poderão ser tão bem enquadradas, quanto mais outras muito fáceis como os Sacramentos, a Redenção, a Ação santificadora do Espírito Santo, etc.? A Liturgia é o ponto de convergência, onde se centralizam Bíblia, Dogma, Moral, Doutrina e Pastoral da Igreja. Deve ser cada vez mais o *centro* de toda ação de educação religiosa cristã, de crianças como de adultos. Não só ela contém os grandes conceitos da Religião (e assim pode servir mesmo como fonte de doutrina), mas ela é *ação e drama* em ato vivido, no qual a criança deve tomar parte durante toda a vida. Por meio da Liturgia a Doutrina ensinada (teórica) é vivida em uma concretização prática vital, que permanecerá o ato central de toda a existência cristã. E se isto deve ser dito da criança que aprende o Catecismo, quanto mais não se deve dizer do catequista que ensina? Missão do catequista é introduzir a criança na vida cristã, abrindo-lhe as portas da vida divina que lhe será comunicada pela Liturgia. Faz-se mister, portanto, que o Catequista viva o cristianismo numa atmosfera impregnada de espírito litúrgico para que tenha a vida divina em abundância e possa comunicá-la a seus alunos. Ele deve compreender, estudar, amar e viver a Liturgia.

7 — BENEFÍCIOS QUE A LITURGIA TRAZ À CATEQUESE

a) A Liturgia dá à Catequese (principalmente à Catequese Bíblica) a sua legítima *interpretação*. Só a Igreja dá à Palavra Sagrada o seu sentido autêntico. E o faz de maneira admirável na Liturgia, escolhendo os textos e aplicando-os ao seu justo sentido. A Liturgia, como culto oficial da Igreja, dá aos ensinamentos que usa uma segurança absoluta, uma interpretação infalível, uma força divina.

b) A Liturgia torna *atual e vivo* o ensino catequético e as realidades que ele contém. De muitos destes ensinamentos ela é a realização estipêndia. E ela nos faz viver intensamente o drama bíblico, a história da Salvação, reproduzida em nós do Batismo aos funerais.

c) Ela marca a *passagem da revelação à iniciação*: nos faz penetrar no Mistério das coisas divinas, passando do "dizer ao fazer". Ela nos toma pela mão e nos introduz a Deus. Na Liturgia o Cristão não só recebe a graça, elemento divino de sua santificação, mas também ele exerce todas as virtudes cristãs, em grau eminente; antes de tudo as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade), e também as outras: humildade, contrição, religião, pureza de sentimentos, etc.

8 — MEIOS DE ATINGIR UMA UNIÃO ÍNTIMA ENTRE CATEQUESE E LITURGIA

a) Catequese Litúrgica direta, à maneira da Catequese mistagógica dos SS. Padres: explicar os ritos, as festas, os tempos litúrgicos; promover estudos litúrgicos: semanas, congressos, conferências, cursos, etc.

b) Fazer com que a Liturgia seja viva e participada para que ressaltem nela os pontos principais da doutrina ensinada no Catecismo. Para isto usar os métodos de Catequese da Missa e dos Sacramentos (Vagaggini, 679-nn. 5 e 6)

e de participação dos fiéis (Missã dialogada; didascálias, cantos de salmos, etc.).

c) Pôr nas mãos dos fiéis o texto traduzido das funções litúrgicas, principalmente o Missal.

d) Impregnar tôda a Catequese de Espírito litúrgico no sentido acima exposto.

e) usar de paraliturgias e celebrações litúrgicas que ponham em evidência verdades doutrinárias. — Note-se o progresso entre explicar, meditar e *celebrar* a Palavra de Deus. A celebração é a proclamação da Palavra de Deus, em comunidade, em uma cerimônia de tipo litúrgico, para nutrir a fé, inspirar a oração e provocar a adesão ou encajamento da vida. Tende a *viver* a verdade, aplicando-a a si por meio de uma *contemplação* saborosa ("recta sapere") do Mistério e de uma atitude interior de adesão e aceitação da mensagem revelada que converte o coração e transforma a vida (a própria Bíblia nos apresenta diversos exemplos de celebrações dêste tipo: p. ex. no Deuterônimo ou em Nchemias, c. 8). Não seria o caso de explicar aqui tôda a técnica de uma celebração, mas pode-se fazer muita coisa, usando cantos, leituras, incenso, procissões, diálogos, paramentos, etc. Pense-se quanto isto é vivo e intuitivo para a criança! Celebra-se não só a Palavra de Deus, mas também a resposta a esta Palavra. Da sala de aula passa-se à igreja para viver o que se aprendeu; é a Catequese teológica! Cristo está mais presente nesta comunidade reunida para ouvir a sua Palavra e Ele opera no interior das almas a transformação estupenda da aceitação pessoal e livre da palavra aprendida. Precisa ser bem preparada. O "Centre de Pastoral Liturgique" de Paris tem publicado várias coisas e também "Parr. et Lit."

f) O *ano litúrgico* deve também servir para unir Catequese e Liturgia. Escolher os assuntos conforme o tempo. Não falar de penitência durante o tempo pascal ou da Ressurreição de Cristo durante o advento! Obedecer ao espírito da Igreja. O ano litúrgico deve ser o quadro geral da catequese, e também o seu objeto. Ele é uma *apresentação do Credo*:

- primeira vinda de Cristo: Parusia — Advento, Natal, Epifania.
- a vida de Cristo: lutas, paixão, morte e ressurreição — Septuagésima, Quaresma, Páscoa.
- a presença de Cristo na Igreja: nos sacramentos — Pentecostes.
- a vida cristã pela Graça — depois de Pentecostes.

É o Credo em ato, vivo. A Igreja vive em seus membros o que o Cristo, cabeça da Igreja, viveu em seu corpo. Transparece como o Mistério cristão não é algo, mas Alguém: o Cristo vivo e vivendo em nós.

g) *Explorar na Catequese a vivência da Liturgia Sacramental*. Os sacramentos reúnem Dogma, Moral e Espiritualidade. São a expressão mais completa e mais unificada da Doutrina cristã. São os gestos de Cristo realizando a Salvação. O catequista mostre sua instituição, seus efeitos, seus movimentos, seus ritos e seu simbolismo. Pedagogia intuitiva: do visível ao invisível, do acontecimento ao mistério, do conhecimento à fé. — Não se contentar com explicações no quadro negro. Mostrar os ritos (p. ex. da vigília Pascal), para explicar o Batismo. Isto nos faz respeitar o caráter divino e transcendental do Mistério. Pedagogia ativa: leva à ação, introduz na atualidade: os Mistérios

estão ali "representados", i.é, presentes de novo, atingindo por dentro a vida do catequizado.

h) Centro de tudo deve ser a Eucaristia. Para ela convergem todos os Sacramentos e mesmo toda a vida da Igreja. À Catequista a Eucaristia traz uma multidão imensa e riquíssima de símbolos: objetos, pessoas, gestos, vestes, palavras, etc. Tudo isto é hoje tão ignorado e desprezado! E que riqueza para a catequese!

a) — Sentido da Páscoa: Cristo veio, para "passar nesta terra e voltar ao Céu".

b) — A Eucaristia é a Páscoa de Cristo deixada aos homens: presença misteriosa de sua perene vitória sobre o pecado. Unindo-se à Eucaristia o cristão une-se à vitória de Cristo — é a sua glória. Vida eucarística — é vida gloriosa. Esta vitória se torna presente, ao nosso alcance, na Missa.

c) — Assim como a Páscoa foi o centro da vida de Cristo, assim a Eucaristia deve ser o centro da vida do cristão. A Missa é o resumo, a síntese de toda a sua fé. É uma síntese viva e vital.

d) — Portanto na Catequese a Missa deve ocupar o lugar central e o catequista deve mostrar às crianças como a vida cristã jorra do altar como de sua fonte perene. (O Pe. François Coudreau compara a Eucaristia com o Monte Branco: ou se escala e se contempla de lá o resto; ou se sobe nos outros para contemplá-lo de várias perspectivas: os outros são os demais Mistérios de fé — Cfr. "Bible et Liturgie dans la Catéchèse" em "Parole de Dieu et Liturgie", Paris, 1958).

e) — Segue-se que a Missa deixará de ser uma obrigação pesada, para ser a realidade central da vida cristã.

9 — PRÁTICA DA CATEQUESE EUCARÍSTICA

1) Os primeiros ensinamentos serão orientados para a celebração plena da Eucaristia na 1.^a Comunhão (Confissão e Crisma).

2) Depois da 1.^a Comunhão estuda-se o *Credo*, apresentado de maneira vital na Liturgia Eucarística.

3) Depois dos 12 anos: adolescência, descoberta do sentido cristão das realidades profanas e dos grandes problemas da vida: vida de militante, renovação das promessas do Batismo (numa celebração eucarística), tomada de consciência dos Sacramentos da iniciação cristã. Isto será uma exigência da vida eucarística.

Esta Catequese Eucarística está na linha da Catequese dos Catecúmenos de antigamente. Não que os nossos alunos não sejam batizados. Mas eles devem crescer na consciência de seu Batismo e das exigências que dele decorrem, para se tornarem cada vez mais conscientemente o que de fato eles já são.

É portanto a grande tradição da Doutrina Catequética e Catecumenal, bíblica e litúrgica, que vai passando de geração em geração, sempre com o perigo de ser contaminada pelas vicissitudes do tempo e das épocas, mas que está sempre cuidada pelo olhar materno da Igreja, que a purifica de todo terreno e a mantém pura e íntegra, na linha do exemplo de São Paulo: "Ego enim accepi quod et tradidi vobis"....

CASOS PRÁTICOS SOBRE O DIREITO DAS RELIGIOSAS

Pe. Frei Rafael de União OFM Cap.

CASO XII — O DOTE DAS RELIGIOSAS

Irmã Damascena era Superiora de uma Casa Religiosa de direito diocesano, Casa destinada a receber as postulantes.

A sua Comunidade era bastante numerosa.

Antes, com os trabalhos das Irmãs e com as doações dos benfeitores, sem muita preocupação e aporreios sustentava materialmente a Família Religiosa.

Atualmente, porém, é com dificuldade que pode sustentar o seu Convento.

Certo dia, a esta Casa Religiosa chega uma jovem a fim de falar com a Madre Superiora. Refere-lhe a sua intenção de entrar para a Congregação.

A Superiora, apesar de conhecer a jovem Conceição e estar certa de que o seu desejo era sincero e era piedosa e de bons costumes e dúvida alguma pairava sobre a vocação da jovem, recusa; no entanto, a candidata, dizendo-lhe: "Conceição, a nossa situação econômica não nos permite mais receber candidatas".

Conceição se entristece com esta recusa; mas, resignando-se, despede-se da Madre.

A Superiora, porém, logo depois começou a angustiar-se: receava de ter ofendido a Nosso Senhor, excluindo a jovem Conceição, destinada por Deus ao estado religioso.

Pergunta-se:

- 1. Qual a doutrina da Igreja sobre o dote?*
- 2. Que dizer da Madre Superiora em angustiar-se com a recusa da jovem Conceição? — Era legítimo o motivo apresentado pela Madre Superiora, isto é, a situação econômica do Convento?*

1. QUAL A DOCTRINA DA IGREJA SOBRE O DOTE?

Antigamente, quando alguém crigia um mosteiro, seja de homens seja de mulheres, não somente edificava a igreja e o mosteiro, como também lhes

anexava alguns bens imóveis, geralmente situados ao redor do mosteiro, cujos rendimentos eram destinados ao devido sustento dos monjes ou das monjas. Assim, havia mosteiros mais prendados e mosteiros menos prendados; a todos, porém, não faltava o necessário para a alimentação e manutenção. A estes latifúndios juntavam-se também outros auxílios outorgados pelos fiéis e pelos benfeitores, de modo que os mosteiros poderiam receber numerosos candidatos para a vida monástica. Existia, portanto, na antiguidade, a distinção de mosteiros *numerados* (*monasteria numerata*) e mosteiros *supernumerados* (*monasteria supernumerata*).

Os *monasteria numerata* só poderiam admitir um determinado número de candidatos.

Os *monasteria supernumerata*, embora tivessem um limite na recepção de candidatos, poderiam ultrapassar o número fixado, conforme a capacidade econômica maior ou menor.

Os mosteiros não exigiam contribuição alguma dos candidatos; temiam seriamente de haver simonia, exigindo do candidato alguma contribuição pecuniária: como se fôsse o preço do direito de entrar na Religião.

Doutra parte, porém, a recepção *absolutamente gratuita* dos candidatos poderia, às vezes, ocasionar abusos, por exemplo: para verem-se livres dos seus filhos, seriam tentados os pais a reconhecer, com muita facilidade, nos seus filhos, uma "vocação religiosa".

Como também, não se pode negar que os bens monásticos deveriam ser necessariamente renovados: a desvalorização, as expoliações de todo o gênero, os erros de administração e outras causas impediam de ser continuamente e indefectivelmente úteis à sua finalidade.

Nada de admirar se, no decorrer dos tempos, os mosteiros exigissem dos genitores dos candidatos uma determinada quantia e note-se que tal contribuição só era exigida se, com a entrada do candidato, fôsse ultrapassado o número normal dos habitantes do mosteiro.

Quando uma jovem vai abraçar o estado matrimonial, o pai lhe outorga geralmente uma parte dos seus bens, que lhe garanta o seu sustento e a sua felicidade. Assim também procede a Religião com a jovem, que deseja abraçar o estado religioso, exigindo dos seus pais (ou dela mesmo) uma contribuição, que, por analogia ao primeiro caso, se chama *dote*.

Por conseguinte, a exigência do dote não acarreta o espírito simoniaco: é um capital versado pela candidata *por ocasião* de sua entrada na Religião e que visa à manutenção da própria candidata.

Não se sabe com certeza, quando começou a vigorar a disciplina sobre o dote. O certo é que o *Concílio de Trento* (1545), falando sobre as monjas e os seus mosteiros, silencia sobre a prestação do dote. Somente no capítulo III, Sessão XXV: "De Regularibus et Monialibus" diz assim: "Nos referidos mosteiros e Casas seja de Religiosos seja de Religiosas, possuindo ou não bens imóveis, sejam recebidos e conservados *somente aqueles que, ou pelas possibilidades dos próprios mosteiros ou pelas esmolas, possam comodamente ser sustentados*".

Quem por primeiro explicitamente fixou a prestação do dote foi São

VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE IMPRENSA CATÓLICA

Pe. Arthur Schwab S.V.D.

Santander, na Espanha, foi o marco egrégio deste Congresso Internacional de Imprensa Católica. A escolha desta cidade foi de uma felicidade indiscutível. Em todos os congressistas ficou a grata impressão da hospitalidade e da paisagem santanderinas. A Universidade de verão de Menéndez y Pelayo, com as suas modernas e cômodas aulas, sua parte residencial para hóspedes e a perfeita instalação de uma equipe Philips para tradução simultânea, facilitou extraordinariamente o trabalho do Congresso. A concorrência superou todas as previsões. Mais de 400 assistentes de 30 países foi uma bonita cifra que ultrapassou de muito a dos últimos Congressos de Viena, Paris e Roma.

Um dos frutos mais interessantes do Congresso foi a convivência íntima e os contatos pessoais com periodistas e diretores de todo o mundo católico. O alemão e o da América latina, o italiano e o português e o asiático, o espanhol e o do Extremo Oriente, o norte-americano e o negro, vivíamos por uns dias em comunhão de idéias e em trabalho comum. O lema do Congresso se fez realidade nestas jornadas de simpática convivência.

Seria uma utopia querer resumir em breves linhas as magníficas lições, os "carrefours" práticos, as interessantes discussões e intervenções, os diálogos e trocas de impressões com diversas personalidades. Tudo isso se realizou intensamente de 6 a 10 de julho de 1960.

O Congresso foi aberto com a leitura da Mensagem de Sua Santidade o Papa João XXIII, ouvida de pé, transmitida por meio do Cardeal Tardini. Nela se recorda o dever primordial de todo jornalista, segundo a expressão feliz de São Paulo: "agir segundo a verdade na caridade", para colaborar no advento do reino de Deus. Aponta como um dos fins mais importantes do Congresso a ajuda com as novas técnicas aos países de missão e nações subdesenvolvidas.

TRÊS IMPORTANTES CONFERÊNCIAS

A primeira foi a do jesuíta norte-americano, Thurston N. Davis, diretor da revista semanal "América" e da "The Catholic Mind". Desde o primeiro momento cativou a simpatia do auditório, lendo o discurso em castelhano claro

Carlos Borromeu, justamente para que se evitassem uns certos abusos. . . .

Quanto à nova legislação Canônica:

1. Tratando-se de monjas ou de Religiosas de votos solenes, pelo direito comum deve-se prestar o dote; e não há mais distinção entre mosteiros pobres ou opulentos: a quantidade maior ou menor fica ao prudente arbítrio das Constituições ou do razoável costume. É o que prescreve o cân. 547, § 1: "*Nos mosteiros de monjas deve a postulante prestar o dote que as Constituições ou o legítimo costume determinar*".

2. Nas Congregações de votos simples, sobre a exigência do dote ou sobre a sua quantidade e entrega, o Código de Direito Canônico autoriza que as Constituições de cada Congregação estabeleçam normas. Cân. 547, § 3.º: "*Nas Congregações de votos simples observe-se o que estabelecem as Constituições...*".

Assim, sem se ofender absolutamente ao Código, as Constituições podem dispensar completamente o dote, ou então exigir somente o que fôr possível da parte das candidatas.

A mente, porém, da S. Congregação dos Religiosos é que as Constituições não dispensem totalmente o dote, a não ser em circunstâncias peculiares, quando, então, concede indultos.

Em todo e qualquer caso, seja o dote exigido pelo direito comum ou que dependa do direito particular das Congregações, não se pode dispensar completamente ou parcialmente sem o indulto da Santa Sé, tratando-se de Congregações de direito pontifício; sem a licença do Ordinário do lugar, tratando-se de Congregação de direito diocesano.

2. RESPOSTA AO CASO

Que dizer da Madre Superiora em angustiar-se com a recusa da jovem Conceição? — Era legítimo o motivo apresentado pela Madre Superiora, isto é, a situação econômica do Convento?

Não havia motivo para a Madre Damascena angustiar-se com o caso, não aceitando a candidata, quando somente com dificuldade podia sustentar as Religiosas já existentes no seu Convento.

A sua recusa fundamentava-se num motivo justo, reconhecido pelo próprio Concílio de Trento e não reprovado pelo Código de Direito Canônico. O Concílio manda que se limite o número dos candidatos, de conformidade com as possibilidades da Casa Religiosa e que possa *cômodamente* sustentar os que já ingressaram.

Nem tão pouco deve se afligir a Madre Damascena, pensando no beneplácito divino, que parece manifestar-se pela vocação da jovem: pois, se Deus quisesse mesmo que uma jovem ingressasse nesta ou naquela Congregação, ter-lhe-ia dado os meios necessários para que, segundo as normas da prudência e as leis da Igreja, fôsse recebida.

e limpo, se bem que banhado nas águas do Hudson. "*A imprensa católica, laço de união entre os povos*" foi o tema de sua lição. Depois de fazer alusão à sua viagem anterior à Espanha e sua visita às magníficas instalações da Editorial Católica, pôs em relêvo a internacionalidade atual da vida e a repercussão que tem em todo o mundo qualquer acontecimento que sucede, por exemplo, num bairro de Brooklyn ou em uma cidade da África. Uma frase do editorial de um periódico, por exemplo, do *Osservatore Romano*, ou uma reportagem sobre as lágrimas de uma imagem da Virgem, comenta-se e discute-se em muitas nações.

Cita as palavras do P. Teilhard de Chardin em seu livro "*Le phénomène humain*", sobre a convergência da humanidade. À medida que a história segue o seu curso e que avança a evolução material e humana, produz-se uma dependência recíproca mais acentuada, uma solidariedade crescente na compreensão e nos ideais, uma penetração mútua de nossa consciência de homens. Nós os jornalistas, acrescenta, podemos confirmar esta convergência humana com o avanço técnico da informação universal. O jornalista católico deve aproveitar esta informação para a extensão do reino de Cristo. Defende os contatos mútuos dos jornalistas católicos de umas nações com outras — a revista "*América*" envia com frequência seus redatores a outras nações — e a confederação das agências católicas em um organismo potente e eficaz que difunda pelo mundo um noticiário com critério católico.

Isto supõe a liberdade de informação e a liberdade de imprensa, um dos fundamentos principais de união não somente entre os católicos, mas entre todos os homens de boa vontade. Cita as palavras de Alberto Martín Artajo em "*Ya*": "A existência de uma autêntica opinião pública é um grande bem para o Estado e um sinal de saúde coletiva. Abafar a voz do cidadão, reduzi-la ao silêncio, constitui um atentado contra o direito natural do homem, uma violação da ordem do mundo que Deus estabeleceu". Este artigo é uma glosa ao discurso mais amplo e vigoroso do Papa Pio XII no Congresso Internacional de Imprensa Católica de Roma, em 1950. E termina afirmando que não pode haver resultados duráveis de uma adesão e união sincera sem a concepção de uma teoria da liberdade e, sobretudo, sem uma aplicação cotidiana desta liberdade no mundo inteiro.

Don Lamberto Echeverría, presidente da *Propaganda Popular Católica*, desenvolve sua conferência sobre *A Imprensa, o Concílio e a Opinião Pública na Igreja*. Cada vez se impõe com mais força a necessidade de uma informação autêntica. Em primeiro lugar, porque o tema religioso interessa hoje mais, sobretudo, quando se encarna em realidades concretas do tipo de um Concílio Ecumênico. O próximo Concílio vai enfrentar uma nova realidade social. A ele acudirão centenas de correspondentes profissionalmente obrigados a enviar uma informação. A Igreja, por isso, deve montar uma agência de informações. Do contrário, há perigo de que o boato se transforme em notícia com a conseqüente deformação da verdade. Para que a informação seja benéfica deve estar impregnada do amor à Igreja. Assim se formatará uma autêntica opinião pública.

Pio XII definia essa opinião como o eco natural, a ressonância mais ou menos espontânea dos sucessos nos homens que, conscientes de sua conduta pessoal e social, estão intimamente ligados com a sociedade de que formam parte; a apreciação sobre as coisas dos espíritos retos que têm idéias claras dos problemas.

Esta opinião deve existir na Igreja. Pela primeira vez na história, um Concílio foi planejado de baixo para cima, com numerosas circulares, enviadas para toda parte, pedindo temas. Os bispos não foram eleitos pelo povo, mas o representam. A tradição secular deu sempre grande importância ao *sensus communis fidei*, à profissão de fé geral e ininterrupta dos fiéis. A opinião pública nem sempre tem de ser crítica; não se deve esquecer nunca que a Igreja é uma sociedade jerárquica e que suas decisões são válidas, sem que dependam do consentimento do povo.

A última conferência de encerramento esteve a cargo de Mons. Cantero, bispo de Huelva e presidente da Junta Nacional de Imprensa Católica da Espanha. O tema foi "*A Imprensa Católica a serviço da verdade, fundamento da União dos Povos*". Começou glosando o lema de João XXIII, "verdade, unidade e paz", que corresponde às necessidades presentes. A imprensa é, antes de tudo, *arma veritatis*, arma da verdade, acrescentava João XXIII. O lema do jornalista é o amor à verdade e este é o importante serviço que a imprensa presta à opinião pública e à Igreja. Exatidão e objetividade, já que as gerações jovens atualmente estão mais abertas que nunca aos problemas humanos e são maiores as relações internacionais. Os católicos, disse Pio XII, estamos muito mais preparados para colaborar numa ação internacional por nossa fé universal e nossa fraternidade cristã.

Mas há perigo de que a atitude do jornalista católico em face de um problema seja não somente distinta, mas às vezes contrária. Por isso a garantia única da verdade e unidade cristã da opinião pública reside no magistério legítimo da Igreja. A voz da Igreja é a voz de Cristo. O magistério da Igreja se encarna no Papa e nos Bispos. Quando a hierarquia de um país, mediante uma declaração oficial coletiva, se pronuncia num sentido sobre um problema religioso e moral surgido no país, não só toda a imprensa católica desse país, mas também toda a imprensa católica mundial deve defender essa posição da hierarquia nacional. A fidelidade ao *sentire cum Ecclesia* não exclui a devida autonomia do jornalista.

O serviço da imprensa à verdade exige condições prévias. Entre outras, o direito da liberdade de acesso às fontes informativas e o direito à legítima liberdade de expressar e difundir a verdade objetiva. Ambos os direitos estão limitados pelas exigências da moral e do bem comum.

Sem renunciar aos direitos da verdade é necessário que esta se sirva com prudência e caridade: *arma caritatis*. Deve-se ter compreensão dos outros, simpatia para com os valores, tradições e aspirações legítimas de outros países, aceitação do fato natural da dissemelhança dos outros, e sobretudo, segundo a mensagem do Vaticano, caridade para os povos que lutam tenazmente contra a miséria. Ajudem os povos subdesenvolvidos e de missão, que

estão alarmados ante a propaganda comunista, com os nossos progressos técnicos generosamente doados, contribuamos para formar uma opinião pública cristã nêles.

Outra lição no terreno dos fatos dos organismos internacionais foi a que teve por título: *Para a Unidade Internacional*, desenvolvida por dois oradores. O professor Wilhelm Geiger, presidente do Tribunal Federal alemão, deu-nos uma visão de conjunto das Instituições intergovernamentais e governamentais surgidas depois da segunda guerra, seu trabalho eficaz até agora e suas esperanças para o futuro. O fato de as Nações Unidas terem oferecido aos Governos uma tribuna de diálogo em presença da Humanidade, fomentou no mundo um maior sentido da moral e do direito internacional. Se não pôde terminar com a guerra fria, evitou um conflito nuclear. Os cristãos devemos continuar afinando êsses instrumentos de colaboração mundial, para que se movam num campo cristão. J. M. Dubois-Dumées, ex-presidente das *Organizações Católicas Internacionais*, falou das 40 organizações católicas internacionais, federadas à O.C.I. A fôlha de serviço destes organismos em favor da Igreja é francamente meritória. Exortou a uma maior colaboração econômica e moral, para que obtenham maior eficácia e fôrça.

"CARREFOURS" E INTERVENÇÕES

A parte dos "carrefours" teve atrativo e interêsse prático. Para economizar tempo, celebraram-se, simultâneamente, em diversas salas da Universidade. Pessoas especializadas no mundo da técnica jornalística presidiam e dirigiam êsses colóquios.

Os temas dos "carrefours" foram sôbre a Assistência Técnica, Publicações para Jovens, Colaboração entre Magazines, Missão e Adaptação da Imprensa em face do Rádio e da Televisão, Oriente e Ocidente, Diálogo das Agências Católicas de Imprensa e seus assinantes, Promoção de Vendas, etc.

O colóquio das *Agências Católicas* foi principalmente interessante, pois dêle partiu a idéia de formar em Roma uma Confederação de tôdas as Agências católicas para unificar as fôrças e aumentar a sua eficácia. No colóquio de *Oriente e Ocidente* se pôs de manifesto o avanço conseguido nos últimos anos com respeito à União das Igrejas e o admirável trabalho iniciado pelo Cardeal Bea, encarregado pelo Papa para a união com os cultos não-católicos.

A *Promoção de Vendas* suscitou grande interêsse, já que se falou dos meios eficazes de propaganda e difusão que se empregam na França e outras nações. Para isso contam com a colaboração desinteressada e entusiasta dos párocos e instituições católicas. Nestes países se despertou o senso de responsabilidade e a fôrça da imprensa para o Catolicismo e todos trabalham por essa imprensa. Muitos párocos estão em contato com revistas católicas e são os representantes delas em suas paróquias.

As intervenções foram oportunas e animadas. Alberto Martín Artajo, como Presidente da Junta Nacional de Ajuda estrangeira, falou da necessidade de se criar um organismo internacional para as obras internacionais. Inclusive

podêr-se-ia formar na mesma ONU uma espécie de seguro para as grandes catástrofes nacionais. Cada nação comprometer-se-ia a dar uma quantia, fixada de antemão, e a ONU se encarregaria de dar o dinheiro suficiente em cada caso particular. Do contrário, há risco de esforços inúteis. Também advogou a inclusão nos Organismos internacionais de algum representante das Instituições Católicas. Soube officiosamente que se trata de proibir aos governos o apoio econômico a toda classe de religião e de equiparar os ateus, no campo internacional, com qualquer outro grupo religioso.

Estêve especialmente animada a discussão sobre o pedido para conseguir do Vaticano, quanto antes, a criação ali de uma agência informativa, pois os periodistas se desesperam por obter documentos e notícias interessantes.

Foi muito comovedor o desfile, pela tribuna, de representantes periodísticos da Igreja da Ásia e da África expondo as suas necessidades e pedindo ajuda técnica.

RECEPÇÕES E ALOCUÇÃO DO NÚNCIO

A generosidade e o interêsse da Prefeitura de Santander por tornar agradável a permanência dos congressistas foi extraordinária. No primeiro dia, deu uma recepção num dos salões de um clube local, na qual o Sr. Prefeito manifestou seu interêsse pelo êxito do Congresso. Uma das tardes brindou-nos com uma excursão a Comillas, passando pelo povoado típico de Santillana del Mar e pelas covas pré-históricas de Altamira, onde admiramos as celeberrimas pinturas.

Na recepção de Comillas, o Sr. Núncio de Sua Santidade, Mons. Antoniutti, leu uma magnífica alocução em francês. Falou da Igreja da Espanha, baluarte da civilização cristã e manifestou seu interêsse em dar um juízo da Igreja espanhola, com frequência esquecida e muitas vêzes tergiversada com notícias tendenciosas. Exortou a formar-se uma idéia clara e serena da situação real desta Igreja e conseguir uma informação objetiva para esclarecer a opinião pública a serviço da verdade.

A seguir, no palácio dos marqueses de Comillas, com gentileza e generosidade admiráveis, fomos obsequiados com um lunch abundante e fino.

No último dia, a cidade ofereceu o banquete de despedida no Hotel Real.

CONCLUSÕES

O Congresso andou sobre rodas como uma máquina bem lubrificada com a tradução simultânea, a edição diária multicopista, as equipes telefônicas, os serviços informativos, postais, telefônicos, de informação turística, imprensa de cada país, alojamentos, diversões, etc. Durante os dias do Congresso estêve montada uma *Exposição de Imprensa Católica*, espanhola e estrangeira. Tudo isso se deveu à eficiência da Comissão Organizadora, presidida por Antônio Gonzales e pelo dinâmico secretário Ângelo Orbezo, estimulados e assessorados

pele Pe. Emílio Gabel, secretário da União Internacional de Imprensa Católica. As filhas de vários ilustres assistentes, chamadas *Anjos Azuis* por causa de seu uniforme, puseram uma nota de amabilidade e graça no serviço informativo para os vários idiomas.

Dissemos de início que é impossível resumir o que foi o Congresso, sobretudo essa íntima convivência e êsse intercâmbio de impressões pelos corredores nos entreatos.

NOMEAÇÕES: determinou-se que o próximo Congresso, dentro de 3 anos, se celebre na cidade de Ottawa, Canadá. Aceita a renúncia do Conde della Torre, a direção da UIPC foi confiada a R. Manzini, diretor do Osservatore Romano.

CONCLUSÕES GERAIS: a) Proclamar como lei fundamental de sua profissão, o amor e respeito à verdade, segundo as palavras de Sua Santidade João XXIII;

b) Trabalhar pela compreensão e amizade entre os povos e pela colaboração com as organizações internacionais;

c) Preparar eficazmente a opinião pública para o Concílio;

d) Confirmar solenemente a sua adesão à firme declaração de seu delegado permanente na ONU sobre a liberdade de informação, direito natural do homem;

e) Corresponder ao desejo do Santo Padre, prestando ajuda técnica aos países em via de desenvolvimento e aos países de missão. Para isto faça cada jornal e revista um peditório anual.

f) Manter contatos permanentes e ajudar na criação, dentro da UIPC, de uma Federação de Escolas de Jornalismo.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA

«SEDES SAPIENTIAE»

e anexos

ESTATUTOS GERAIS

SOBRE A FORMAÇÃO RELIGIOSA, CLERICAL E APOSTÓLICA
A SER DADA AOS CLÉRIGOS DOS ESTADOS DE
TENDÊNCIA À PERFEIÇÃO

Edição em língua portuguesa da Sagrada Congregação dos Religiosos, curada pela Conferência dos Religiosos do Brasil.

Volume de 112 páginas, em papel couchê, 24 x 16,5.

Pedidos à

PREÇO Cr\$ 100,00

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Av. Rio Branco, 131-9.º

RIO DE JANEIRO

PADRE DEHON, APOSTOLO DA CARIDADE DOS TEMPOS NOVOS

A propósito de uma nova biografia do Fundador

“Um padre, designado para Capelão dos Operários em uma grande fábrica, não obteve licença da direção da fábrica para entrar no estabelecimento. Temiam reações desfavoráveis dos trabalhadores.

O padre então decidiu encontrar-se com seus operários, na entrada e na saída da fábrica. Todos os dias, de manhã e à tarde, invariavelmente, sob quaisquer condições climáticas, postou-se, durante cinco anos, junto ao portão. Certo dia sobreveio, de repente, um mau tempo terrível. O porteiro da fábrica teve compaixão do bom padre. Convidou-o a entrar para proteger-se da chuva e da neve. “Pois bem, fizestes-me entrar na fábrica; e eu, de hoje em diante, entrarei sempre!”.

O porteiro, vendo que aquêle santo homem não estava gracejando, informou à direção. E o diretor, reconhecendo que o Capelão, do lado de fora do portão, com sua generosa e múltipla atividade apostólica, havia conseguido abrir a porta dos corações dos operários, abriu-lhe também, de par em par, o portão da fábrica”.

Até aqui refere a crônica.

O rápido progresso da indústria, de há muitos anos, especialmente em algumas regiões, tem determinado grandes deslocamentos e densas aglomerações de operários. Estas massas, já por si mesmas descuidadas e avulsas na vida paroquial (por causa dos turnos de trabalho, distâncias do lar, da fábrica e da igreja), hoje se apresentam ainda mais desorientadas e desconfiadas pelos muitos prejuízos religiosos e sociais que lhes são incutidos por tôda sorte de propaganda. Iludido pelo passado e pelo presente, o operário presta facilmente ouvidos às falsas promessas das novas teorias, que prometem dar ao problema da autoridade e do trabalho uma solução independente ou oposta à doutrina social da Igreja Católica, originando assim graves danos às almas e à harmonia social.

Pois bem, a Igreja promove seu encontro e, por meio dos Capelães dos Operários que têm êste exclusivo encargo, se lhes aproxima para fazer o bem. Chamamo-los com razão: “Capelães dos Operários”. Estes personagens são vivos, e de um apostolado ainda mais vivo e moderno. Chamamo-los “personagens”; por serem protagonistas de uma história, cujo início teve origem no século passado.

E, para sermos fiéis a essa origem: o autor desta história é o jovem Leão Dehon!

E quem era êsse homem?

Para podermos enquadrar a sua figura, ambiente e sua fecunda atividade, é mister chamarmos a atenção sôbre a cidade de Saint'Quentin, donde êle foi Capelão do grande centro industrial. Não pretendemos fazer uma descrição geográfica; contudo devemos dizer que a cidade, situada às margens do rio Somme, contava então 35.000 habitantes. Constitua a paróquia mais po-

pulosa da diocese de Soissons. Soissons evoca essa outra vila, próxima àquela cidade e particularmente cara a seu coração: La Capelle, onde Leão Dehon nasceu em 14 de março de 1843.

Em que condições sociais vivia a cidade de Saint'Quintin?

Os rapazes procuram empregar-se muito cedo. Ocupam-se na cidade, em qualquer espécie de trabalho, diariamente, por quatorze a quinze horas, sendo treze horas de trabalho efetivo. Somente em alimento o operário consome a metade do salário; um rapaz, dois terços de seu salário que é de terceira categoria. Isto fala eloquentemente da miséria reinante; e chega a ser mais miserável se considerarmos o problema moral...

Saint'Quintin ofereceu assim ao Padre Dehon um campo propício para a aplicação do seu vasto "programa democrático", como êle costumava dizer. E se na França pôde êle aperfeiçoar os seus nobres empreendimentos com contínuas novas experiências de uma vida movimentada, esforçando-se, de um modo particular, para conquistar as massas operárias, em Roma viveu êle a sua grande vigília. A audiência privada, que teve com Leão XIII, conferiu-lhe, e mais ainda a seu trabalho, o caráter inconfundível de oficialização.

O Papa disse-lhe com satisfação: "Sei que fazeis o bem, que tendes oito casas em quatro dioceses e 80 religiosos. Pregai as minhas Encíclicas!". O Fundador toma a sério esse grande conselho que lhe vinha do Vigário de Cristo. Era um encorajamento decisivo que não lhe dava margens a ilusões no programa social de sua vida sacerdotal. Portanto, mãos à obra a serviço do Papa, da Igreja! E assim se nos descortina o "Sociólogo".

A serviço do Papa! — dissera êle. E assim trabalhou! As célebres "conferências romanas" e o "cenáculo social" comprovam-no. Fêz nove conferências, e tôdas sob o título: "a renovação social cristã". Renovação social por meio de um programa social de encíclicas sociais. E eis o Padre Dehon a lançar-se em uma atividade que tem algo de milagroso pelos efeitos sortidos: o Patronato de São José para os filhos dos operários.

Recuperados uma vez esses meninos, é preciso ir à raiz do mal, ao ambiente donde se origina o mal: à família. E da família volver depois ao ambiente do trabalho, onde esses pais trabalham. Não é por meio de uma pequenina aula de catequese, um sermãozinho, — encaixado em um brevíssimo horário "roubado" às horas de trabalho, que se chega ao operário. É um chegar-se, discreto, delicado, ao operário.

O Capelão dos Operários, Padre Dehon, vence todos os obstáculos. Receio de perder? Não, segurança de vitória! êle se faz operário entre os operários. E não só. No fim será o próprio operário que salvará o operário, fazendo-se apóstolo e tornando-se assim a "longa-manus", a mão comprida do sacerdote. É toda uma hierarquia de atividades e de valores que partem da Igreja, e pela Igreja fazem atuar o programa social.

A presença do Padre Dehon entre os operários não é puramente fortuita ou casual. É uma presença real, espontânea, baseada num apostolado de

testemunho: testemunho de Cristo através da vida, através dos sofrimentos de um sacerdote.

Padre Dehon inicia um diálogo com os operários, com os patrões, com a juventude. Naturalmente não se restringe ao diálogo. Chega até à convivência: ao Corpo místico que vive fora das paredes da igreja, para que a esse corpo "se sintam realmente unidos todos em um", ainda que cada um em sua própria casa, em seu próprio trabalho ou em sua oficina.

Na história dos Santos de amanhã veremos o nome deste novel apóstolo — Apóstolo dos Tempos Novos — Padre Dehon — com a auréola de "santo", como eram e esperam, com confiança, os fiéis, submissos à vontade da Igreja.

É digno de destaque ter a Sagrada Congregação dos Ritos, em julho passado, examinado os escritos deste novo candidato à santidade, Fundador dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, ao qual se deve a instituição dos Capelães dos Operários, pela assistência espiritual aos operários nas fábricas.

De um lado, temos a fundação de uma nova Congregação que se inscreve no dinamismo das famílias religiosas; de outro lado, a concepção e a realização de uma vasta obra social que não se resolve por uma simples solidariedade humana.

Não podemos terminar esta história sem nos referirmos à estatística: são dados que medem a consistência na escala mundial de uma grande obra de apostolado que tende a estender-se sempre mais. A Congregação conta atualmente com mais de 3.000 religiosos e com 300 casas e residências: Escolas Apostólicas, Noviciados, Escolasticados. A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus estão confiadas numerosas Dioceses e Missões, especialmente na África e Indonésia.

A experiência ensina. E o apostolado do Capelão dos Operários, Padre Dehon, se aprimora pelos tempos, porque os tempos, se bem que apresentem os mesmos problemas sociais, não obrigam todavia para uma solução imediata. E a falange dos Capelães se multiplica. Penetram nas fábricas, discretamente, humildemente, delicadamente... Se, por ventura, surgir uma luta de classe, que será sempre uma luta de interesses, o sacerdote intervém, não tanto com autoridade, mas amenizando as conjunturas humanas, e todo inspirado no espírito do Evangelho. E, assim, todos os Sacerdotes estão trabalhando segundo o espírito do Capelão de Saint-Quintin que procurou ajustar, sempre mais, a sua ação sacerdotal às reais necessidades das almas.

("L'Osservatore della Domenica", 11/9/60).

Giuseppe Frediani. UN APOSTOLO DEI TEMPI NUOVI — P. LEONE GIOVANNI DEHON, Fondatore dei "Sacerdoti del S. Cuore". Roma, Postulazione Generale dei Sacerdoti del S. Cuore, 1960. XXVII, 480 p., 56 f. il.

EXEMPLOS, FATOS SUGESTÕES

Continuamos com a publicação de sugestões enviadas por nossos leitores, na certeza de que exemplos como êstes possam servir de modelo e de estímulo para quantos estão dedicados ativamente e intensamente ao apostolado (A Redação).

A "ORGANIZAÇÃO GONZAGA".

A seguinte carta de um Recrutador a seu Superior Provincial nos dá sugestões de como pode ser organizado um trabalho vocacional, eficaz e sério, nas paróquias do interior:

Revdo., em Cristo Pe. Provincial,

Cheguei há 4 dias de X, com a alma cheia de esperanças e o coração de entusiasmo. E venho expor a V. R. as razões desse entusiasmo e dessas esperanças.

A "experiência-piloto" de Y em nossa projetada "Organização Gonzaga", — (que aliás já deixou de ser um simples projeto para começar a ser um movimento em marcha!), — produziu nesses dois meses e meio apenas de existência *muito mais* resultados do que tudo o que eu pudera ter previsto!

Como V. R. sabe a única coisa que eu fizera até agora pelo movimento fora uma conferência feita em julho a um grupo, por sinal muito reduzido, de professoras de Y em que expus nosso problema e nossos projetos. Após a conferência uma Professora que eu não conhecia se ofereceu para colaborar e para tentar organizar o primeiro núcleo da Organização. Quando saí de Y ela dispunha apenas de membros certos: — um irmão dela e um sobrinho meu, — ambos aliás muito pequenos e atrasados, e alguns "possíveis".

Pois bem, ao chegar a Y no dia 27 passado encontrei essa Professora, (a primeira "Orientadora Gonzaga") à frente de um grupo de 12 meninos, com reunião semanal em uma quase sede própria: um local excelente, com sala de reunião e campos de jogos, cedidos pela Diretora de um Instituto Educacional local, todos os domingos. Ela mesma procurava os meninos, formara o grupo e o dirigia com um carinho e um interesse realmente extraordinários.

Um exame posterior me fez verificar que dois desses meninos eram apenas ouvintes ou simpatizantes (sem vocação sacerdotal, nem incipiente), e outros dois, por motivos vários, tiveram que ser eliminados. Ainda assim restava um grupo de 8 dos quais 5 com possibilidades de ir para a Escola já no próximo ano. (Os outros 3 são ainda muito pequenos). Digo apenas "possibilidades" porque naturalmente faço questão de que a seleção seja rigorosa para evitar-nos desgostos e despesas inúteis, como tantas vezes aconteceu no passado!

Como quer que seja o resultado era já bem consolador e mesmo francamente desproporcional com o quase nenhum trabalho realizado.

Organizamos então a conferência oficial para as professoras, fim principal da minha viagem. Percorri pessoalmente tôdas as principais escolas lo-

cais convidando a Diretora e as professoras de cada estabelecimento para a dita conferência. No dia marcado colocamos na frente o grupo dos meninos (compareceram os doze) com a sua Orientadora, frente a um grande quadro de São Luiz Gonzaga que levei na mão, desde Z.

Assim pude não somente falar da Organização e sua finalidade, mas também apresentar já os primeiros resultados.

Primeiro fiz a minha exposição seguindo mais ou menos os seguintes tópicos:

- 1) — O problema das vocações sacerdotais, no Brasil — importância, situação dolorosa, urgência de uma solução;
- 2) — O papel da mulher na solução desse problema:
 - a) as mães, dando a seus filhos uma tal formação religiosa que possibilite o despertar da vocação (os pais dos meninos estavam presentes);
 - b) as professoras, descobrindo, orientando e ajudando as possíveis vocações.
- 3) — Expus o projeto da Organização Gonzaga e pedi a todas as Professoras presentes a sua colaboração. — Colaboração que poderia ser de 3 categorias distintas:
 - a) *mínima*, e possível a todas: — uma *informação*: haverá acaso na sua aula algum menino que já manifestou desejo de ser sacerdote, ou que a sra. ache que tem as qualidades necessárias para isso? se houver peço-lhe o favor de indicar o seu nome à nossa Orientadora; se não souber se há peço-lhe o favor de verificar e informar.
 - b) *média*: — nas classes em que houver alunos que já pertençam ou que sejam agora incorporados ao Grupo, peço às respectivas professoras uma colaboração maior no sentido de *velar* por esses alunos de um modo especial: olhando por eles, puxando por eles, animando-os, ajudando-os, avisando à Orientadora qualquer coisa que os esteja prejudicando, etc.
 - c) finalmente perguntei se não haveria acaso alguém que se quisesse associar mais estreitamente ainda à Organização, como segunda *Orientadora*, pois o grupo já estava grande e eu pretendia dividir em duas turmas: maiores e menores. Ofereceu-se imediatamente outra professora que eu também não conhecia e que depois vim a saber tratar-se de uma das moças mais ativas de Y uma das principais chefes do movimento bandeirante local. Desde o primeiro momento mostrou as suas qualidades de liderança e na hora da minha saída me comunicou que conta também com o apoio integral de 3 das suas melhores bandeirantes. E além do mais se entende muito bem com a primeira orientadora, de quem é amiga pessoal e quase vizinha.

Depois da minha exposição os meninos fizeram a sua primeira apresentação oficial: sob a orientação da Orientadora ofereceram à assistência alguns numerosinhos de arte, muito simples e muito rudimentares ainda, mas ainda

assim prometedores. O principal deles, aluno da primeira série ginasial e filho do juiz de direito, fez um pequeno discurso escrito por ele mesmo e muito original. (É o 1.º aluno da sua turma no Ginásio Municipal). Apresentaram depois mais duas poesias e terminaram com um canto que despertou muita simpatia na assistência.

Resultados: Na hora da minha partida a Orientadora me informou que depois da Conferencia já se haviam apresentado nada menos de 8 meninos, (que somados aos 8 que já havia formam já um grupo de 16) e que ainda havia possibilidades de mais. Algumas das professoras haviam tomado a coisa muito a serio e promoveram um verdadeiro *inquérito em suas aulas*: — um teste feito aos alunos em que cada um deveria responder o que desejava ser na vida. E os que espontaneamente responderam que desejavam ser sacerdotes foram apresentados à Orientadora.

Como meu tempo era muito pouco não pude falar pessoalmente com quase nenhum desses novos meninos. A Orientadora, no entanto, ficou com as devidas instruções. Em dezembro eu verei o que foi feito. Naturalmente é muito provavel que deverá haver não poucas eliminações... Como também há no grupo meninos que desejam ser salesianos, franciscanos ou do clero secular, — e que eu encaminharei religiosamente ao lugar das suas preferências. Mas não se pode negar, que, de qualquer maneira, os resultados superaram tudo o que eu poderia ter esperado de apenas duas conferências...

Partindo tentei a "invasão" das cidades vizinhas. A carteira de motorista que eu havia tirado uma semana antes me serviu imenso. Papai me entregou a chave do jeep e eu me larguei a percorrer estradas...

Antes de mais nada, naturalmente, me apresentei ao Sr. Bispo para comunicar-lhe que o projeto sobre que eu lhe falara em julho já estava em marcha. E pedi-lhe outra vez a autorização para estendê-lo ao resto da Diocese. Ele, muito paternalmente, não somente aprovou e abençoou todos os planos — que lhe expus pormenorizadamente, mas até me deu algumas indicações práticas para um êxito maior. Entre outras me enviou ao vigário da Sé para pedir-lhe, em seu nome, a sua colaboração na organização do núcleo.

O Vigário, Pe. A., me recebeu muito bem, e fez todo o possível, para promover uma reunião extraordinária de uma organização de professoras já existente, a fim de que eu pudesse expor meus planos. Infelizmente, porém, houve uma série de desencontros. Fui a N. 3 vezes. Ele me acompanhou pessoalmente à casa da professora-chefe. Das primeiras vezes, porém, não a encontramos e quando conseguimos comunicar-nos com ela foi já no último dia da minha permanência, quando não havia tempo para a convocação das outras. A coisa, pois, teve que ficar para dezembro.

Em W fui mais feliz. Fui introduzido lá pela mãe de dois dos "Gonzagas" de Y, que é natural de W e tem três irmãs que trabalham lá, uma das quais, já de certa idade, é professora de categoria e uma verdadeira apóstola leiga.

Moram bem em frente da Igreja. Fui a primeira vez com os dois meninos, e ao chegar lá deixei o jeep à porta da casa, mandei que os meninos entras-

sem; e esperassem um pouco por mim. Entretanto dei um pulinho até à Matriz para, antes de nada e de ninguém, visitar o Senhor e entregar-lhe o êxito do movimento em W. E foi providencial. Enquanto estava rezando apareceu o Vigário. Apresentei-me, conversamos um pouco e êle me levou à casa paroquial, onde lhe expus a finalidade da minha entrada em sua paróquia.

Recebeu-me muito bem, indicou-me as possibilidades e as dificuldades que eu provavelmente encontraria e me deixou campo aberto.

Sòmente então me dirigi à casa da família onde os meninos me introduziram. A idéia foi recebida com muita simpatia e mesmo com entusiasmo e as 3 irmãs se encarregaram de, de acôrdo com o Vigário, convocar para o dia seguinte, uma reunião de um grupo de professôras escolhidas. E disseram-me que meu encontro com o Vigário fôra realmente providencial: — que êle é muito bom, mas muito cioso da sua autoridade; mais de um movimento de importância na cidade já contou com sua oposição decidida sòmente por não ter começado por êle! Nosso Senhor, pois, foi quem dirigira meus passos!

No dia seguinte voltei à hora marcada trazendo comigo além dos meninos a segunda Orientadora de Y, como representante do movimento. (A primeira, na última hora, não pudera vir).

A palestra decorreu animada e simpática encontrando a melhor repercussão. Segui mais ou menos o mesmo esquema da de Juazeiro. E ao terminar ficou oficialmente constituído o núcleo, tendo como *Orientadora principal* a tia dos meus meninos e como colaboradoras, várias das presentes que não só me deram notícias de alguns possíveis meninos e se encarregaram de buscar outros, — mas também se comprometeram a falar com as colegas para que elas também se interessem. (Uma delas era a Vice-Diretora do principal Grupo Escolar da cidade).

Como viajei no dia seguinte não pude ainda ter notícias concretas do desenvolvimento do núcleo, — mas voltei de lá francamente otimista.

Numa das minhas idas a X encontrei-me providencialmente em plena rua com uma irmã do P. B. que, antes que eu lhe dissesse nada, me falou de uns 2 ou 3 meninos que há em M., pensando em vir para a Escola. Dei-lhe imediatamente tôdas as instruções, prometi-lhe aparecer por lá em dezembro para verificar os resultados, e... ficou assim constituído o 3.º núcleo oficial da Organização!

Foram 4 dias bem puxados, passados quase que integralmente no volante do jeep, correndo em tôdas as direções... O resto (e é tanto que resta por fazer e se pode fazer!) ficará para quando Z já não reclame os meus serviços...

E aí tem, R.P. Provincial, o resumo das minhas atividades. N. Senhor tem feito a obra frutificar de uma maneira extraordinária. E V.R. me dirá se eu tenho ou não razão de estar com a alma cheia de esperanças e entusiasmo! — O núcleo-piloto em pleno desenvolvimento, com 16 meninos, 2 Orientadoras e algumas auxiliares, dois novos núcleos iniciados e tantos em perspectiva. E sentindo a cada passo a mão de Deus abençoando e dirigindo a obra!

Só me resta agora esperar a confirmação e a bênção de V.R. para me poder dedicar inteiramente a essa Organização, da qual poderá depender nada menos do que a sobrevivência da Província!

INTERNAMENTO DE RELIGIOSOS E RELIGIOSAS EM HOSPITAIS

Esta, que transcrevemos na íntegra, é-nos enviada por um Capelão de um dos grandes hospitais do Rio de Janeiro. No que está escrito não há nenhum exagero; é a pura verdade, que poderá constituir um bom exame de consciência para muitos... Eis :

Graças a Deus estão se multiplicando sempre mais as maneiras de apoio em prol daquela união religiosa; talvez com o tempo teremos também um Setor de Saúde e Defesa Corporal e dos Direitos Pessoais.

Não quisera que interpretasse esta observação como sarcasmo ou ataque disfarçado contra alguma entidade; mas, já que conseguimos essa abençoada união fraternal, que então ela nos sirva também para melhoramento espiritual e para alarme contra tudo que o ameace e, mesmo, para "lavar nossa roupa em casa comum"!

Como Capelão de um Hospital, onde Irmãs não respondem pela Administração, mas apenas na qualidade de enfermeiras auxiliares procuram fazer o possível quanto ao apostolado religioso, escuto e vejo muita coisa que edifica, e comove; às vezes, porém, acontecem coisas que fazem revoltar, não sabendo depois como reagir.

Assim acontece que me revoltei contra o seguinte: sem conversar uma única palavra com o Capelão, internou-se uma Religiosa em uma das enfermarias abertas, sem acompanhante, ficando longas semanas com raríssimas visitas, precisando deixar lavar a roupa de corpo na lavanderia comum, onde só trabalham civis (ainda bem que a tal religiosa tivesse diploma de Contribuinte dos tempos civis e que tivesse descoberto algum parente localizado na cidade).

Agora veio outra, de outra Congregação, também com Diploma de Sócia ainda dos tempos da vida civil (quer dizer, sem nenhuma despesa da Congregação) e se internou numa enfermaria aberta em que são tratadas também senhoras e moças civis.

Sei que as Irmãs de Caridade têm um hospital especial, onde exclusivamente Religiosas (também de outras Congregações) podem ser abrigadas, e onde o ambiente proporciona toda liberdade para costumes e regulamento conventual — Se já não se vê a obrigação de internar suas súbditas naquele Hospital, então as respectivas Superiores deveriam, acho eu, ter ao menos tanta caridade e respeito, mesmo que a tal Religiosa pertença à "segunda" categoria (ainda tem isto!) e passa por uma empregada simplesmente inutilizada, de cuidar que sejam internadas num quarto reservado, individual, e que se lhes proporcione mais atenção e carinho, ao menos sob a advertência: "Hodie mihi, cras tibi!... Acho o caso mais triste por procederem essas ditas Irmãs de Congregações de Colégio ricos!...

Como, no entanto, é belo e comovedor observar quando Irmãs

Religiosas de outras Congregações, e menos ricas, são acompanhadas com tanto carinho fraternal: as Superiores mandam junto uma acompanhante, mandam outras visitá-las o mais freqüente possível, mandam surpresas que alegram e distraem a sua Irmã doente e se entendem com o Capelão para que nada falte no campo espiritual, orientando o sacerdote sobre o necessário!

Alias, isto também valeria para o setor masculino: que, ao internar um religioso, também se procure conversar com o capelão para que ele saiba de quem se trata e de que maneiras deve tratar com o internado, pois, afinal, de certa maneira o capelão do hospital deveria assumir certa responsabilidade e quase substituir portanto, o Superior Religioso. Acho triste que às vezes se interna até um sacerdote sem notificar nada ao capelão: sem saber se é realmente sacerdote, se tem jurisdição, se está em condições para celebrar, se tem alguma mania ou doença que reclama certas considerações, e se moralmente não requer alguma advertência ou algumas restrições, sobretudo quando se interna para o setor de neurologia ou em estado de esclerose (caduquice senil). Acontece às vezes que nem se sabe a quem pedir informações e a quem se dirigir ou telefonar em caso de dúvidas ou de alarme.

Coitado do Padre Secretário da CRB que ainda disto vai cuidar! Mas, afinal, a quem eu devia recorrer?... Quem sabe se não existem muitos outros Capelões de Hospitais que vivem em semelhantes condições e há muito estão aguardando um anjo do céu para orientá-los!

Acho que se devia estabelecer um certo regulamento e que, tanto os Superiores respectivos dos internandos quanto também os Capelões, encontrassem uma base de entendimento mútuo, uma certa norma de modo como comportar-se em assunto tão tocante.

Perdoe-me esta amolação! Quem sabe se esta pequena colaboração não serviria para seu melhor govêrno e para o de muitos outros? Em todo caso, pode aproveitar do escrito como melhor entender.

Até onde é oportuno uma diretiva amistosa sobre o assunto o prova mais o seguinte caso que me ficou relatado, e que foi dos tempos de meu antecessor: mandaram até a roupa civil para uma religiosa internada, e isso ainda por intermédio de leigos, insinuando à Religiosa internada para que "largasse" duma vez o hábito. Mas a coitada não foi bôba, não, e não aceitou o "convite" tentador de sua Superiora!...

É necessário lembrar que, se todo doente precisa de caridade e de compreensão, a primeira e maior caridade deve ser ministrada para com os "nossos" doentes. Vã seria a caridade para com tantos nossos assistidos ("ad oculos videndum"?) se descuidássemos do nosso mais "próximo" que são nosso "irmãos" e irmãs!

PADRES QUE FORAM MEDICOS

Crônica esta publicada no "Jornal do Comércio" (6 de setembro de 1960) de Recife, e que nos foi enviada por Religiosos da Bahia. Exemplo sublime da graça do Espírito Santo que "spirat ubi vult" para escolher seus eleitos.

Não só a Bahia, mas o Brasil inteiro tomou conhecimento da notícia que as agências telegráficas espalharam por seus jornais: dois médicos, um do Maranhão e outro da Bahia, se tornaram sacerdotes católicos. Um, João Mohama, além de médico, escritor renomado, autor de um dos melhores romances publicados ultimamente no Brasil, "Maria da tempestade". Sua obra literária bastaria para glorificá-lo no conceito dos homens, valorizá-lo na história de nossa literatura. Outro, Dr. Amadeu (no mosteiro Dom Lucas) Hortas Fernandes, médico, nascido em Amaragi (Pernambuco), formado pela Faculdade de Recife, assistente da cadeira de clínica médica do Prof. João Amorim no Hospital Pedro II, mais tarde, convocado para o Serviço de Saúde do Exército, não somente recebeu o presbiterado mas também se consagrou ao serviço de Deus, emitindo os três votos clássicos do monaquismo dentro de uma abadia beneditina, a mais antiga de toda a América, a de São Sebastião da Bahia.

Os jornais espalham a notícia porque é função da imprensa levar ao conhecimento dos leitores tudo o que é extraordinário no cotidiano de cada homem e de cada cidade. Mas, Mohama como Amadeu não fazem apenas "notícias" de jornal recordando o final do célebre poema de Carlos Drummond sobre a "morte no avião". Os dois médicos dão testemunho de uma geração, confessam publicamente isto que nos pode parecer muito simples mas, que no entanto, revela um mundo de grandezas: *A Igreja ainda é necessária. A Igreja é necessária para anunciar Jesus Cristo, para que os homens conheçam a boa nova da salvação. A Igreja é necessária para que o homem se liberte da terrível "frustração existencial", de que sofrem sobretudo, os descrentes. A Igreja e particularmente necessária em todos os tempos, para dar testemunho do amor. Precisamos em geral e em particular, de amor. Precisamos da comunhão dos santos. "Não apenas dos grandes santos, canonizados ou canonizáveis, dos grandes espirituais cujos nomes todos conhecemos senão dos eremitas, dos solitários e dos abandonados, dos doentes e dos ignorantes que vivem secretamente a vida do Cristo; precisamos também dos militantes sindicalistas, dos homens públicos, dos jornalistas e de todos os que dão à vida pública do País o testemunho de que o amor sobrenatural é a fonte do mais autêntico devotamento. Cada um deles poderia ser um herói ou um santo mas, não bastaria isso para que o Cristo fosse anunciado: é preciso que pertençam visivelmente à mesma Igreja e estejam reunidos em nome do Senhor" (Th. Suavet; "Construir a Igreja, pág. 124).*

Seria falsa a visão destes dois homens se tivessem entrado para o sacerdócio porque perderam alguma coisa, mas, justamente porque encontraram algo de novo, de mais importante e mais necessário que os arrancou do mundo para as fileiras dos ungidos do Senhor. Afirmam estes novos sacerdotes a um mundo que perde a esperança, que vê a vida como "náusea" (Sartre): é pre-

ciso esperar, até mesmo contra toda a esperança. Quem sabe se estas vocações tardias não proclamam exatamente aquilo que Charles Moller apontava na obra literária de Sartre: "*A esperança só pode aparecer depois do desespero*" ("*Les sens de Dieu dans la littérature moderne*", apud rev. "*Résurrection*", n. 8, 1958).

A fé cristã, vivida sobretudo dentro do sacerdócio, é um risco. Pois ninguém pense que a fé cristã implique em "*mais facilidades*" talvez, antes em "*mais dificuldades*". Quanta verdade naquela palavra de Corção: "*Cada um de nós é chamado a trazer sua contribuição para o enxoval do mundo novo que quer nascer*" (Claro escuro, pág. 117). Mundo novo que espera da Igreja a unidade e a paz. Por isto o apóstolo São Paulo dizia que "Deus confiou aos sacerdotes o ministério da reconciliação" (2 Cor 5, 18). O padre tem diante de si um mundo novo, um mundo marcado sobretudo, pelo sentido da técnica, das ciências chamadas experimentais e da observação, exigindo dele uma compreensão, uma presença atuante e não um afastamento, uma negação. Dom Grosche escrevendo na revista alemã "*Hochland*" lamentava: "muitas vezes acontece" que pensando defender-se a verdadeira tradição, defendem-se na realidade idéias e formas arcaicas e ultrapassadas. Também a Igreja, como instituição terrestre, corre o risco de se instalar na terra como se já estivesse *in patria*, e se esquecer que continua *in via*. Por isso a forma terrestre da Igreja deve ser continuamente modificada, a fim de que sua secularização histórica contribua para sua salvação." ("*Das prophetische Element in der Kirke*", agosto, 1956, página 502).

Saudamos nestes dois novos levitas do Senhor o zelo forte e ativo que hoje anima o coração e a inteligência de muitos homens, casados ou solteiros, velhos ou jovens que asseguram e provam que a Igreja é tão moderna e tão atual como o foi na antiguidade, na idade medieval ou na renascença.

D. Jerônimo Sá Cavalcanti O.S.B.

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS CÍRCULOS DE ESTUDO NO CURSO DAS MESTRAS NOVIÇAS

O Curso para Mestras de Noviças, organizado pela CRB, e realizado no mês de Outubro, foi dedicado desta vez ao Movimento por um Mundo Melhor. A participação das Mestras foi bastante numerosa (mais de 130 participantes) e os resultados conseguidos mais do que satisfatórios. As participantes saíram radiantes do Curso, levando consigo uma chama viva e palpitante, que transparece em seus atos e em seu apostolado. Damos aqui as sugestões apresentadas durante os círculos de estudo pelas Mestras presentes.

- 1) Realizar as exercitações para Superiores Maiores e depois para todas as Religiosas.
- 2) Realizar exercitações M.M.M. para vários noviciados vizinhos.
- 3) Inculcar sempre mais nas noviças o Espírito de União e Caridade entre si e outras Congregações.
- 4) Colocar as noviças a par dos grandes problemas da Igreja, estimulando-as ao sacrifício, à mortificação e à oração. Combater o individualismo e o infantilismo por uma visão mais alargada da vida apostólica.
- 5) Reuniões mais fraternas e menos solenes entre as Religiosas.

- 6) Aproveitar os valores e atividades já dentro do Noviciado, para se sentirem mais encorajadas ao Apostolado.
- 7) Encontros mais freqüentes entre as Mestras de Noviças.
- 8) Fazer conferências e doutrinar as noviças na base do Corpo Místico.
- 9) Explicar a Santa Regra no sentido do Evangelho, como o fez o Fundador.
- 10) Incentivar o amor à freqüência aos sacramentos, principalmente a SSma. Eucaristia.
- 11) Conceder às noviças a possibilidade de fazerem a S. Meditação e a Leitura Espiritual individualmente.
- 12) Conceder às noviças jogos ao ar livre.
- 13) Mais compreensão e paciência das Mestras de noviças.
- 14) Cultivar o hábito da sinceridade com os Superiores a fim de se evitar murmurações.
- 15) Introduzir nos juvenatos férias em casa da família e permitir a saída para as festas familiares em geral.

FRUTOS DO ENCONTRO : — Testemunhos das Exercitantes:

"Sinto-me profundamente abalada e renovada espiritualmente após este curso de "exercitações por um Mundo Melhor".

... "Ao terminar as exercitações M.M.M. sinto-me transformada. Que honra para mim, ser Apóstola do Mundo Melhor, quisera falar ao mundo inteiro de sua força transformadora". —... "Gostei imensamente das exercitações por um M.M. e confesso sinceramente que as recebi como uma dádiva divina". "Não tenho palavras para exprimir o que senti ao encontrar-me com tantas religiosas de Congregações tão diversas e sentir aquêlê afeto mútuo e caridoso em todos os momentos desta semana".

...Decidi ser generosa até o heroísmo se fôr preciso para realizar o que foi pregado sobre a União com Deus e com o Mundo."... "As exercitações por um M.M. empolgam: sinto-me com as forças renovadas para dar-me ao trabalho e Apostolado da Igreja... "Saio delas convencida de que o Movimento por um Mundo Melhor é um desejo de Deus. Levo para minha comunidade um coração a palpitar de entusiasmo pelo movimento. Serei uma Contemplativa na Ação."... "De hoje em diante viverei melhor a Doutrina do Corpo Místico ensinada por São Paulo, lembrada dogmáticamente por Pio XII, é vivida pelo Mundo Melhor".

SEMANA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS DO RIO GRANDE DO SUL

1 — Está na ordem de cada classe de pessoas ter a sua data anual comemorativa, que serve de elo de união, avivamento do ideal e de defesa dos interesses comuns, num mundo que avança vertiginosamente, ameaçando os que ficam parados. Para confirmar ali está o dia do funcionário público, do bancário, do estudante... As organizações católicas não podem ficar à margem desta renovação vital.

2 — Há vários anos que se vem celebrando a Semana das Vocações Religiosas femininas em fins de Novembro, ficando, porém, sem atendimento as Vocações Masculinas. Esta deficiência, com o decorrer do tempo, acentuou-se cada vez mais. A Conferência dos Religiosos, secção do Rio Grande do Sul, procurou achar uma solução. Frei Alberto de Caxias foi expor o problema ao Sr. Arcebispo Metropolitano, propondo o seguinte plano:

a) transformar a existente Semana das Vocações Religiosas Femininas, em Semana das Vocações Religiosas em geral.

b) transferir a celebração para princípios de Outubro, a fim de evitar a época dos exames que dificultam o trabalho pro Vocações nos colégios, tanto para os professores como para os alunos.

3 — Na reunião dos Bispos, em princípios do corrente ano, a sugestão

foi aprovada para a primeira semana de Outubro de cada ano.

De posse da autorização, feita pelo Arcebispo Dom Vicente Scherer, a Conferência dos Religiosos, na reunião mensal de Junho, deliberou celebrar a primeira Semana das Vocações Religiosas do Rio Grande, neste ano excepcionalmente, de 9 a 16 de Outubro para evitar a coincidência com as eleições no dia 3, por o ambiente político desfavorável a essa realização.

4 — Na mesma reunião foi encarregado o Pe. Alfredo Venturini S.A.C. de planejar e orientar as comemorações.

O Presidente da C.R.B. dirigiu uma circular "ad hoc" a todas as Casas Religiosas do Rio Grande.

Em resumo, o programa foi o seguinte:

a) *Objetivo*: tornar mais conhecidas do povo a natureza, finalidade e benemerências da vida Religiosa, para que as famílias autenticamente cristãs façam questão de dar a Deus e à Igreja mais Vocações.

b) *Tema*: A Vocação Religiosa em relação a Deus e aos homens.

c) *Meios*: Usar todos os meios de comunicação e divulgação: — Rádio, jornal, aulas, exposições, estatísticas, dramatizações, livros, slogans e cartazes, Campanha de preces com tríduos, missas festivas, comunhões, etc.

d) *Abertura e encerramento*: solenizados respectivamente com missa ao Divino Espírito Santo pela santificação dos Religiosos e missa de Ação de Graças a Deus e pelos Benfeitores e amigos das Vocações.

Slogam da Semana: Os Religiosos glorificam a Deus e fazem bem ao povo.

5 — Por ter sido a primeira vez, além da exiguidade do tempo para preparação do ambiente, os resultados foram consoladores e além da expectativa.

A imprensa escrita e falada de Pôrto Alegre colaborou valiosamente. As missas de abertura e encerramento na Catedral Metropolitana, ambas irradiadas pela Rádio Difusora e assistidas por várias centenas de Religiosas e Religiosos, obtiveram grande repercussão em todo o Estado.

A C. R. B. já recebeu vários relatórios de Casas Religiosas, de Colégios onde a Semana das Vocações obteve êxito e entusiasmo.

No Colégio Sevigné, disseram as Irmãs, que depois dessa Semana notaram bastante mais respeito às Religiosas por parte das alunas. — Nas composições por escrito também se notou o mesmo respeito.

Entre os fatores que deram valor e realce, constituindo uma garantia de êxito, devemos destacar: o *discurso* de abertura, feito pelo Snr. Arcebispo Dom Vicente Scherer, a mensagem de Dom Vicente Zioni, Diretor do Secretariado Nacional das Vocações Sacerdotais, divulgada no dia do encerramento da Semana; o *Sermão* da Missa de ação de graças, proferido pelo Presidente da C. R. B., sobre o trabalho dos religiosos no Brasil e no mundo, e as palestras radiofônicas feitas diariamente por leigos de destaque social e cultural. Decisiva também foi a colaboração especial do *Jornal do Dia* e *Rádio Difusora*, porta-vozes oficiais da Semana das Vocações. Com isso fica, mais uma vez, demonstrada a importância da imprensa Católica, merecedora de melhor valorização e apoio por parte do clero, dos Religiosos e do povo Católico que muito tem a aprender, neste sentido, dos comunistas e dos inimigos da Fé Cristã em matéria de tanta eficiência para a Igreja e salvação das almas.

6 — Tudo está a indicar que o povo desconhece demais o verdadeiro sentido da vida religiosa, em parte por culpa nossa. Urge mostrar-lhe melhor e mais claramente a importância e necessidade de glorificar mais a Deus, benefícios imensos que os religiosos prestam aos homens e à sociedade. Para tal fim não basta a teoria, por bela que seja. É indispensável fazer-lhe ver como os religiosos realizam isto na prática e para o bem de todos. Salientar o aspecto humano, com a apresentação de exemplos concretos de religiosos ou religiosas cuja vida é um modelo de virtudes naturais, sobrenaturais e boas obras. Este modo de apresentar os religiosos tornará a Vocação mais simpática e

aceitável, eliminando idéias falsas e preconceitos.

7 — *Providência necessária*: Urge organizar um Departamento de Vocações na C.R.B., dotando-o de material adequado. Preparando e divulgando o plano e o programa da "Semana das Vocações Religiosas" com mais antecedência, corrigindo as falhas havidas neste ano e a não participação de muitas casas religiosas e colégios, é certo que o bom êxito e os frutos serão maiores ainda no futuro. Com base na experiência feliz realizada e aceitação obtida tanto nas cidades como no interior é de se esperar o surgimento de novas e generosas Vocações e sua maior valorização e aprêço por parte das famílias e do povo.

Se o mal e os males divulgados impressionam, o bem e as boas obras também entusiasmam e conquistam imitadores quando apresentados com técnica, humanismo, verdade e coragem!

Pe. Alfredo Venturini S.A.C.

VITÓRIA — UM ANO DE ATIVIDADE DO CURSO PIO XII

O Curso Pio XII, mantido pela CRB, incluiu as suas aulas aos 7 dias do mês de março de 1960: Liturgia, tendo como professor o Revmo. Pe. Mateus Panizza, Presidente desta Secção Estadual; Teologia Dogmática — Pe. Valentim Crizzo S.D.B.; Teologia Moral — Pe. Augusto Duarte Cabral S.D.B., e Pedagogia Catequética — Irmã Leticia Pinheiro, F.D.C.

Foram matriculadas 53 candidatas; 15 desistiram na ocasião das primeiras provas parciais.

Houve duas provas: uma em junho e outra em novembro.

A entrega dos certificados de freqüência e aproveitamento deu-se a 10 de dezembro. As 16 horas sessão solene no salão nobre do Colégio N. Sra. Auxiliadora; 38 jovens terminaram o curso, tendo como paraninfo S. Excia. Revma. D. João Batista da Mota e Albuquerque, DD, Arcebispo Metropolitano.

Executou-se o seguinte programa: 1) Hino Pontifício, 2) Discurso da Oradora, Dalva Venturotti Martins, 3) Música, por Cecília Aguiar Bazzarella; 4) Poesia, por Joacila de Aguiar Bastos; 5) Discurso do Paraninfo; 6) Entrega dos certificados; e 7) Hino das Catequistas.

Para encerrar mais um ano letivo do Curso, foi celebrada Missa pelas novas Catequistas que, cheias de entusiasmo, partiram em busca de almas para o Divino Mestre.

Como lembrança deste dia foram distribuídos alguns santinhos com os seguintes pensamentos: "O Catecismo deve ensinar a viver a vida cristã (Pio XI); "Essencial do Catecismo: fazer pensar, sentir agir e rezar" (Abbé Gallé); "Ideal da Catequista: formar a alma cristã santificando-a na verdade guardando do mal sem contudo a tirar do mundo".

CELEBRANDO UM DECÊNIO

No ano de 1950, aos 12 de outubro, chegou ao Brasil a primeira turma de PP. Rogacionistas, a chamado de S. Excia. Dom Hugo Bressane de Araújo, então bispo de Guaxupé (M. Gerais) e hoje dinâmico pastor de Marília, no estado de São Paulo.

Nos primeiros dias, tristeza e saudade abafaram os três Padres e o irmão Antônio Adão, que aos 18 de outubro do mesmo ano tomaram posse de um Educandário na cidade de Passos, Minas Gerais, onde a generosidade daquele povo havia levantado um dos mais belos monumentos de caridade cristã e que D. Hugo em nome da coletividade entregava aos PP. Rogacionistas. Sem conhecer a língua, sem amigo nenhum, somente com a confiança em Deus, iniciaram o trabalho de aproximação com o povo; comunicavam-se com o mesmo, mediante gestos e sinais, falando de vez em quando errado, provocando também desavenças involuntárias; enfim, através duma "salada russa", podiam expressar as próprias idéias.

Era o grão de mostarda que devia transformar-se, no espaço de 10 anos,

numa árvore gigantesca, onde centenas e milhares de aves humanas teriam encontrado o abrigo material e a luz do espírito.

De fato, se no Natal de 1950 foram recebidos pelo P. Mário os primeiros 5 órfãos no Educandário S.B. Jesús, de Passos, hoje dos diversos recantos do Brasil são milhares de necessitados que agradecem a Deus por ter enviado a esta terra abençoada os filhos do Cônego A.M. Di Francia, criando em agosto de 1951 a "Casa do Garoto" em Baurú, em maio de 1954, o "Bairro da Juventude", de Criciúma e, no ano de 1959, na mesma terra cricumense, o glorioso Seminário Rogacionista Pio XII, viveiro de futuros educandários, de sacerdotes e de apóstolos, tão necessários ao nosso fecundo Brasil.

Se fôsse possível percorrer, num itinerário ideal, as casas rogacionistas brasileiras hoje, encontraríamos em Passos 400 alunos freqüentando o curso primário, oitenta alunos internos das camadas sociais mais humildes, recebendo assistência material e espiritual, sem distinção nenhuma de raça ou de religião, mas irmanados somente na caridade de Cristo. Oficinas de marcenaria, sapataria e alfaiataria completam o quadro da obra social mineira e rogacionista, que forja os operários especializados de amanhã.

Em Baurú, no Estado de São Paulo, no Parque Vista Alegre, outra centena de órfãos estão sendo assistidos pelos PP. Rogacionistas, que no esforço admirável, chefiados pelo P. José Lagati, estão levantando um magnífico prédio, digno da cidade progressista de Baurú, uma das pérolas do estado bandeirante. E entramos, agora, no "Bairro da Juventude".

O que representava o pinheirino no ano de 1954? O que é hoje, depois de 8 anos de permanência dos PP. Rogacionistas? *Digitus Dei est hic.* (O dedo de Deus está aqui). O dinamismo do P. Paulo Petruzzellis, do irmão Rosário Caravello e demais religiosos, sustentado pelo entusiasmo e idealismo de espíritos cricumenses esclarecidos realizou milagres de caridade, inimagináveis, quando os abnegados sócios do Rotary Clube, a cuja frente achava-se o ilustre Dr. Pimentel, adquiri o terreno do senhor Ângelo Bilessimo.

Mas, as palavras do apostólico arcebispo Dom Joaquim ao receber, no dia 24 de maio de 1954, os PP. Rogacionistas: "Espero muito do vosso trabalho na minha arquidiocese", foram uma verdadeira profecia.

No mató de ontem, admiramos hoje, além dos três pavilhões de dois andares e onde 80 desamparados encontram o carinho dos pais perdidos, e o pão material, da educação e do saber, a bela igreja, dedicada a N.S. das Graças, pela qual os fiéis não precisam mais percorrer aos domingos 6 o mais quilômetros para assistir à S. Missa.

A poucos metros da igreja ergue-se majestoso, o edifício do S.E.N.A.I., enriquecido de máquinas para marcenaria, eletricidade, mecânica etc., onde a mocidade cricumense recebe instrução para se especializar no ramo desejado.

Mas a pérola mais brilhante que enaltece a nossa cidade é o Seminário Rogacionista, onde 60 seminaristas, no espaço de um ano foram recebidos para dedicarem-se completamente ao serviço divino e prepararem-se na severidade dos estudos a iluminar as trevas da ignorância.

E no fim encontramos o magnífico grupo escolar que alfabetiza cerca de 400 crianças e que, no dizer do ilustríssimo Governador do Estado Heriberto Hulse, no dia da inauguração, é um dos melhores de Santa Catarina.

DULCIS IN FUNDO, o cine-teatro, que procura educar, com representações instrutivas, os alunos e proporcionar ao Pinheirinho algumas horas de honestos espetáculos.

Estas, em rápida síntese, as obras realizadas num decênio pelos PP. Rogacionistas no Brasil. O que eles pretendem fazer no próximo decênio?

Acompanhar o ritmo do progresso brasileiro e não poupar sacrifícios, a fim do que o reino de Cristo seja dia a dia mais firme na alma do nosso povo.

Pe. Mário Labarbuta R.C.J.

BIBLIOGRAFIA

Pe. Malaquias Morales. A VERDADE — TRATADO TEOLÓGICO-MÍSTICO — Rio de Janeiro, Edições Paulinas, 1960 316 págs.

Conforme vem no sub-título, é um tratado teológico-místico.

O autor, ex-Reitor e Professor da Universidade de Valparaiso, no Chile, dirige o livro mais particularmente às Religiosas, com quem se ocupou durante 37 anos, segundo o seu próprio depoimento.

Quanto ao valor do livro, nos atemos às palavras do Emo. Sr. Cardeal Câmara, na carta-prefácio do mesmo: "Admirável em sua profundidade, seu trabalho muito concorrerá para tranquilizar certas almas aflitas". Será preciso que haja certas cautelas na interpretação teológica de alguns conceitos, para que se não dê desvirtuamento moral, no modo

de conceber a virgindade. É um dos pontos para os quais é chamada a atenção dos leitores pelo Sr. Cardeal-Arcebispo, no pequeno mas denso Prefácio.

Vem o livro enriquecido com algumas observações do censor eclesiástico, Pe. Francisco Leme Lopes S.J., sobretudo relativas à adequabilidade do emprêgo de certos termos.

Livro bem impresso, em ótimo papel. As cores da capa é que são muito difusas e irregulares, não causando impressão agradável. Livro cuja leitura exige alguma cultura teológica e o anseio de procurar a verdade, num assunto tão delicado e sério. I.J.D.

José Van den Besselaar. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS. Edição revista e ampliada. São Paulo, Editora Herder, 1958. 320 pgs.

Esta abalizada obra trata de início do conceito da história remontando à mitologia antiga e descrevendo o desenvolvimento da ciência, entre gregos, romanos e outros povos, para então nos familiarizar com os objetos material e formal da história, com o valor do conhecimento histórico, etc., onde salienta o capítulo "A Mestra da Vida", com ponderações acêrca do Olio.

A segunda parte versa sobre a investigação histórica pela heurística, crítica histórica e ciências auxiliares, i.é, paleografia, epigrafia, linguística, arqueologia e geografia.

Veloso Pimentel FMS. EMANUEL, DEUS CONOSCO. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1960. 80 pgs.

Este livro, dividido em três capítulos, fala-nos da vida de Cristo nos designios do Pai, no povo escolhido e nas gerações redimidas pela Graça. Mostra-nos, de maneira clara e precisa, o mistério da permanência de

Numerosos exemplos tirados da antiguidade servem de ilustração, sentindo-se a falta de maior número de exemplos da história brasileira, como de Frei Vicente do Salvador, e sua "História do Brasil".

Na terceira parte, dedicada à síntese histórica, apreciamos a introdução à filosofia da história, cuja atualidade não precisa de comentário.

A presente obra se destina primeiramente aos estudiosos da história, servindo igualmente a todos os amigos das pesquisas históricas.

Frei Anscário Corbiniano OFM

Veloso Pimentel FMS. EMANUEL, DEUS CONOSCO. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1960. 80 pgs.

Este livro, dividido em três capítulos, fala-nos da vida de Cristo nos designios do Pai, no povo escolhido e nas gerações redimidas pela Graça. Mostra-nos, de maneira clara e precisa, o mistério da permanência de

Deus conosco, abrangendo fatos do antigo e do Novo Testamento. Será de grande utilidade espiritual a leitura desta obra de meditação e de estudo, valoroso trabalho de Veloso Pimentel. M.D.K.

Violetas. AS VERDADEIRAS CAÇADORAS. Contos apropriados às aulas de Catecismo. 2.ª Edição. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1960.

Coletânea de contos interessantes e de real valor para as aulas de Catecismo. A feliz iniciativa de seu lançamento facilitará acentuada-

mente o progresso dos alunos, tornando-se por essa razão prestimoso auxiliar dos Catequistas. M.D.K.

Gaston Courtois. **A ARTE DE SER CHEFE**. Trad. de M. Campos e V. Esteves. 3.^a edição revista e aumentada. Lisboa, Livraria Sampedro — São Paulo, Editôra Herder, 1958. 208 pgs.

Este pequeno livro não é um estudo filosófico, científico, sobre a origem e a função do chefe. É um livro prático, que serve de exame de consciência para todos aqueles que chefiam algum movimento político, cívico, social ou religioso. Sobre tudo a terceira parte tem observações oportunas e bons conselhos.

Sentimos a falta de uma distin-

ção entre os vários tipos de chefe, pois diferente é a posição do chefe militar, do dono de fábrica, do diretor de uma sociedade anônima, e das autoridades eclesiásticas. Sobre tudo a distinção que os sociólogos fazem entre chefe (líder institucional) e líder natural (líder situacional) teria aumentado mais ainda o valor do livro.

Pe. Leão Douven.

CSSR

Abbé Quinet. **PARA OS PEQUENINOS DO JARDIM DA INFANCIA**. 4.^a Edição. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1960. 156 pgs.

"Um pouco de catecismo pelo desenho fácil no quadro negro", diz o sub-título. O presente livro mostra-nos como se pode ensinar Catecismo aos pequeninos que não sabem ler, por meio do desenho de simples traços de giz num quadro negro. As explicações do catequista poderão

com mais facilidade penetrar na imaginação das crianças, produzindo os melhores resultados.

Não temos dúvida quanto à boa acolhida deste livro por parte dos Catequistas, dos quais será um inestimável orientador.

M.D.K.

OUTRAS PUBLICAÇÕES ENVIADAS A REDAÇÃO:

- José Francisco de Camargo. **DEMOGRAFIA ECONÔMICA** — Variáveis Demográficas do Desenvolvimento Econômico. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1959. 128 pgs. 13 mapas.
- Inácio Rangel. **ELEMENTOS DE ECONOMIA DO PROJETAMENTO**. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1959. 160 pgs.
- Instituto de Economia e Finanças da Bahia. **A ZONA CACAUEIRA**. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1960. 244 pgs., 5 mapas.
- Vitor Gonçalves Figueira. **PRÁTICA DE CAMBIO**. Resumo das aulas dadas pelo autor, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade da Bahia, no Curso de Câmbio dos Seminários de Treinamento Profissional. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1960. 160 pgs.
- Jorge Andrade. **PEDREIRA DAS ALMAS — O TELESCÓPIO**. Introdução de Paulo Mendonça (Coleção "Teatro Moderno". Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1960. 202 pgs.
- Michel Quoist. **O DIÁRIO DE DANY**. Tradução de Fábio Alves Ribeiro (Coleção Juventude, 13). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1960. 308 págs.
- Leão XIII. **ENCÍCLICA SOBRE O ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA**. Petrópolis, Editôra Vozes, 1961. 112 pgs.
- Thomas Merton. **A VIDA SILENCIOSA**, com Prefácio de Dom Basílio Penido, O.S.B. Petrópolis, Editôra Vozes Ltda., 1960. 192 pgs.
- Mons. Eymard L'Eraistre Monteiro. **JOÃO NA SEDE DE PEDRO**. Petrópolis, Editôra Vozes Ltda., 1961. 216 pgs.
- Mons. Eymard L'Eraistre Monteiro. **O ÍNDIO E O OUTRO**. Petrópolis, Editôra Vozes Ltda., 1960. 176 pgs.